



**Saul André Faria
Vitorino**

**Padrões de Comunicação em Famílias de Meios
Geográficos Distintos**



**Saul André Faria
Vitorino**

**Padrões de Comunicação em Famílias de Meios
Geográficos Distintos**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica da professora Maria João Antunes, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Aos meus pais por todo o suporte facultado durante o meu percurso académico.
À minha tia Piedade Braz.

o júri

presidente

Prof^a. Doutora Ana Isabel Barreto Furtado Franco de Albuquerque Veloso
Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Prof^a. Doutora Elisabete Maria Melo Figueiredo
Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território

Prof^a. Doutora Maria João Antunes
Professora auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

agradecimentos

A criação deste documento não teria sido possível sem a participação, direta ou indireta, de algumas pessoas, que passo a designar.

À Professora Doutora Maria João Antunes, pela sua postura, amabilidade e presença, durante todo o processo de orientação da presente dissertação.

Aos meus pais, Teresa e José, e irmã, Mariana, pela sua assistência e valores transmitidos ao longo da vida.

Ao Corpo Nacional de Escutas, Escutismo Católico Português, pela formação de jovens e adultos, através de processos de educação não formal.

À equipa coordenadora do *VII Jambeliras* – elementos do *Pneuma* – como também aos elementos que me acompanharam no Caminho de Santiago português, pelos momentos vividos e motivação transmitidas, sem os quais não me seria possível concluir este documento.

Às famílias que participaram no estudo, sem as quais o mesmo não se teria realizado.

Ao colega Marcelo Brites, pelo desafio lançado para a inscrição em mestrado, como também pelos seus ensinamentos, partilhas e incondicional apoio, durante o período de estudos.

Aos amigos Ana P., Ana R., André M., Cláudio A., Diogo M., Margarida P., Paulo S., Rita C., Rudi M., Rui L., Tiago R., entre outros, pela sua presença, conselhos, amizade e disponibilidade, demonstrada ao longo da vida.

Por fim, a todos os que contribuíram para a minha formação pessoal e académica.

A todos vós endereço o meu sincero e profundo agradecimento.

palavras-chave

Padrões de comunicação, famílias, meio rural, meio urbano

resumo

O documento apresenta algumas conclusões, não generalizáveis, acerca dos padrões comunicacionais de quatro famílias portuguesas, residentes em meios geográficos distintos (urbanos e rurais).

O estudo obedece a uma análise exploratória, e decorreu em duas fases: a primeira visou a recolha de dados que permitem a caracterização dos indivíduos e famílias; a segunda decorreu durante um período de três dias (14 a 16 de março de 2013), nos quais os elementos dos agregados familiares registaram o número, tipo, forma, destinatário e natureza das interações estabelecidas.

Com base neste estudo de casos constatou-se que as famílias residentes em meio urbano, durante o período em análise, comunicaram mais do que as famílias residentes em meio rural e que as comunicações presenciais são, em todas as famílias, em número sempre superior às comunicações estabelecidas através de mediação tecnológica.

keywords

Communication patterns, families, rural, urban

abstract

The research presents some not generalizable findings, about communication patterns of four Portuguese families living in distinct geographical (urban and rural) environments.

The study obeys to an exploratory analysis that has been developed in two stages: the first stage aimed the collection of data that allowed the characterization of individuals and families; the second stage took place during three consecutive days (from 14 to 16 of March 2013), in which the elements of the households registered the number, type, shape and nature of the established interactions. Based in the studied cases, it was found that during the period under review, the families living in urban areas performed more communications than the families living in a rural area. Also, in all the families studied, the communications in person are always in greater numbers than the communications established through technological mediation.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

PARTE I: OBJETO DE ESTUDO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
INTRODUÇÃO	3
1. Caracterização do problema de investigação	3
1.1. O quê?	3
1.2. Quem?	3
1.3. Como?	3
1.4. Porquê?	3
1.5. Quando?	4
1.6. Onde?	4
2. Questão de investigação	4
3. Finalidades e objetivos	4
4. Modelo de análise	5
5. Estrutura do trabalho	7
CAPÍTULO 1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	9
1.1. Procedimento metodológico	9
1.1.1. Tipos de estudo	9
1.1.2. Participantes	9
1.1.3. Seleção de casos	9
1.1.4. Instrumentos de recolha de dados	10
1.1.5. Tratamento dos dados	10
1.2. A família como objeto de estudo	10
CAPÍTULO 2. COMUNICAÇÃO (PRESENCIAL E TECNOLOGICAMENTE MEDIADA) EM FAMÍLIAS RESIDENTES EM MEIOS GEOGRÁFICOS DISTINTOS	13
2.1. Comunicação e Interação	13
2.1.1. Comunicação Presencial	13
2.1.2. Comunicação em Família	15
2.1.3. Comunicação mediada pela tecnologia	16
2.2. Lugares	17
2.2.1. Urbano	17
2.2.2. Rural	19
2.2.3. Realidade dicotómica	19
2.2.4. Influência das TIC nos meios e sujeitos	22
2.3. Elementos estatísticos sobre os meios tecnológicos	30
2.3.1. Dados referentes a 2012	30

2.3.2. Dados referentes a 2013	32
PARTE II. ESTUDO: OS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DAS FAMÍLIAS.....	35
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DAS FAMÍLIAS EM MEIO RURAL E URBANO.....	37
3.1. Caracterização geral dos agregados e indivíduos em estudo.....	37
3.2. Dados relativos às comunicações (presenciais e tecnologicamente mediadas) no período de 14 a 16 de março de 2013	43
3.3. Análise, por família.....	57
3.4. Análise, por meio geográfico	62
3.5. Sistematização dos dados obtidos	65
CONCLUSÕES	71
1. Conclusões do estudo	71
2. Limitações do trabalho	72
3. Continuidade do trabalho de investigação	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXOS	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Modelo de Análise	5
Tabela 2 - Caracterização pessoal dos indivíduos, posse e utilização das tecnologias de comunicação.	37
Tabela 3 - Distribuição das interações, segundo o tipo e destinatário.....	43
Tabela 4 - Dados relativos ao tipo e natureza de interação, por indivíduo e dia de comunicação.	48
Tabela 5 - Meio de interação e forma de contato, por indivíduo e por dia de comunicação.	52
Tabela 6 - Dados relativos ao tipo de interação e destinatário, por família e dia de comunicação.	57
Tabela 7 - Dados relativos ao tipo de interação e natureza de interação, por família e dia de comunicação.	58
Tabela 8 - Dados relativos ao tipo de interação e natureza de interação, por família e dia de comunicação.	60
Tabela 9 - Dados relativos ao tipo de interação e destinatário, por meio geográfico e dia de comunicação.	62
Tabela 10 - Dados relativos ao tipo e natureza de interação, por meio geográfico e dia de comunicação.	63
Tabela 11 - Dados relativos ao tipo de interação e natureza de interação, por meio geográfico e dia de comunicação.....	64

PARTE I: OBJETO DE ESTUDO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Na primeira parte deste documento aborda-se o objeto de estudo, de uma perspectiva teórica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação analisa padrões de comunicação em famílias portuguesas, residentes em ambientes geográficos distintos: rural e urbano.

1. Caracterização do problema de investigação

Da lista de temas propostos, pelos diversos docentes do Mestrado em Comunicação Multimédia da Universidade de Aveiro, no final do ano letivo de 2011/2012, um tema que, desde logo, despertou curiosidade no discente, tendo em conta a elevada possibilidade de efetuar trabalho de campo, foi o “Mapeamento espaço-temporal das comunicações dos sujeitos em meio rural e urbano”.

Segundo Moreira existem seis perguntas a que devemos responder, por forma a ser dada a conhecer a organização do projeto de investigação. Estas perguntas são “o quê”, “quem”, “como”, “porquê”, “quando” e “onde” (Moreira, 2003). Apresentam-se, seguidamente, as respostas a estas questões.

1.1. O quê?

Este projeto pretende compreender se existem diferenças (indicando-as e explanando-as), nos padrões comunicacionais – mediados e não mediados tecnologicamente –, entre famílias portuguesas, residentes em áreas geográficas distintas.

1.2. Quem?

O documento final dá a conhecer a investigadores, curiosos e público em geral, dados mais concretos sobre a forma como comunicam as famílias portuguesas.

1.3. Como?

Obtiveram-se dados relativos aos padrões de comunicação presencial e tecnologicamente mediados de famílias com semelhanças em termos de constituição do agregado familiar. Os dados foram recolhidos através de inquéritos, por questionário, e grelhas de observação das interações.

1.4. Porquê?

Tendo em conta a pesquisa realizada verifica-se que esta é uma área pouco aprofundada, em Portugal, pelo que esta dissertação poderá constituir um ponto de partida para futuras investigações. Saliente-se, ainda, que este “ponto de partida” pode revelar-se como “um início de caminhada”, para o discente, que se propõe aprofundar as suas competências e conhecimentos, na área das ciências e tecnologias da comunicação, nomeadamente através das fases de revisão

crítica de bibliografia e planeamento e implementação de um processo sistematizado de recolha de dados.

Este documento apresenta conclusões válidas, não generalizáveis, tendo em conta a natureza do estudo.

1.5. Quando?

A recolha dos dados ocorreu em duas fases: a primeira, no mês de fevereiro de 2013, serviu para recolher informações gerais, que permitam a caracterização dos indivíduos e a segunda, no mês de março de 2013, para efetuar o mapeamento das comunicações das famílias selecionadas, ao longo de um período de tempo, previamente estipulado.

1.6. Onde?

A recolha dos dados ocorreu, essencialmente, nos lares das famílias. No entanto, por forma a ser facilitado o preenchimento da grelha, os indivíduos puderam tê-la em sua posse noutros locais, como no trabalho, por exemplo.

2. Questão de investigação

O problema de investigação prende-se, como já foi referido, com a forma como comunicam as famílias portuguesas, em ambientes geográficos distintos.

O estudo desenvolvido não será de forma alguma exaustivo, tendo em conta os condicionalismos impostos, nomeadamente condicionalismos geográficos (ausência do investigador durante o processo de recolha de dados) e temporais (o período de dias em análise não foi demasiado extenso, sob pena de não existirem agregados familiares disponíveis para estudo) sendo, no entanto, possível apresentar conclusões válidas, para o caso das famílias em estudo.

Uma das etapas fundamentais do procedimento científico (Quivy e Campenhoudt, 1992) é a formulação de uma pergunta de partida (questão de investigação). De acordo com os autores, esta pergunta deve obedecer a três critérios chave: “clareza”, “exequibilidade” e “pertinência” (Quivy e Campenhoudt, 1992).

A questão de investigação que despoleta o presente estudo é:

A dimensão geográfica (rural/urbano) introduz diferenças a nível dos padrões de comunicação no seio das famílias?

3. Objetivos da investigação

São objetivos desta investigação:

- Analisar eventuais diferenças entre indivíduos residentes em meio rural e meio urbano, no que aos processos de comunicação mediados e não mediados tecnologicamente diz respeito;
- Compreender como a mediação tecnológica altera os padrões de comunicação no seio das famílias;
- Perspetivar tendências futuras, ao nível da comunicação tecnologicamente mediada, no seio das famílias.

Dada a natureza exploratória do estudo não são apresentadas hipóteses.

4 - Modelo de análise

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) outra das fases que acompanha o planeamento de um estudo é o modelo de análise. Segundo os autores, num estudo exploratório, este elemento *“traz perspectivas e ideias que devem ser traduzidas numa linguagem e formas que permitam o trabalho sistemático de análise e recolha de dados de observação ou experimentação”* (Quivy e Campenhoudt, 1992).

O modelo de análise estabelece a relação entre *“a problemática fixada e o trabalho de elucidação sobre um campo de análise restrito e preciso”* (Quivy e Campenhoudt, 1992). Os autores acrescentam que *“para construir o modelo, o investigador pode centrar-se nas hipóteses deixando os conceitos num nível secundário, ou fazer o inverso”* (Quivy e Campenhoudt, 1992). No caso desta investigação, optou-se por não considerar quaisquer hipóteses, mas sim considerar os conceitos. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) *“construir um conceito consiste em determinar as dimensões que o constituem e em precisar os indicadores que permitem a medição dessas dimensões”* (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Seguidamente apresenta-se o modelo de análise.

Tabela 1 - Modelo de Análise			
Questão de Investigação:			
A dimensão geográfica (rural/urbano) introduz diferenças a nível dos padrões de comunicação no seio das famílias?			
Conceitos	Dimensões	Componentes	Indicadores
Rural Urbano	Geográfica		Área de residência - Freguesia e Concelho
	Tecnológica		Nº de habitantes
Família			Locais de acesso às tecnologias
			Nº de elementos no agregado familiar
			Sexo

				Nível de Escolaridade
				Profissão
				Posse de <i>Internet</i>
				Posse de telemóvel/ <i>smartphone</i>
				Posse de computador
				Posse de <i>tablet</i>
				Posse de perfil em redes sociais
				Nº de <i>emails</i> enviados
Padrão de Comunicação	Presencial			Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário
				Nº de interações, por natureza de interação
	Tecnológica	Telefone fixo - chamadas de voz		Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário
				Nº de interações, por natureza de interação
				Nº de interações, por tipo de interação
				Nº de interações, por forma de interação
		Telefone fixo - mensagens		Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário
				Nº de interações, por natureza de interação
				Nº de interações, por tipo de interação
				Nº de interações, por forma de interação
		Telemóvel/ <i>Smartphone</i> - chamadas de voz		Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário
				Nº de interações, por natureza de interação
				Nº de interações, por tipo de interação
				Nº de interações, por forma de interação
		Telemóvel/ <i>Smartphone</i> - mensagens		Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário
				Nº de interações, por natureza de interação
				Nº de interações, por tipo de interação
				Nº de interações, por forma de interação
		Telemóvel/ <i>Smartphone</i> - <i>email</i>		Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário
				Nº de interações, por natureza de interação
		Telemóvel/ <i>Smartphone</i> - rede social, através de <i>chat</i> /comentário		Destinatários da interação
				Natureza da interação
				Nº de interações, por destinatário

		Telemóvel/Smartphone - aplicação/instant messaging, através de chat.	Nº de interações, por natureza de interação
			Destinatários da interação
			Natureza da interação
			Nº de interações, por destinatário
		Computador - chamadas de voz	Nº de interações, por natureza de interação
			Destinatários da interação
			Natureza da interação
			Nº de interações, por destinatário
			Nº de interações, por natureza de interação
		Computador - mensagens	Destinatários da interação
			Natureza da interação
			Nº de interações, por destinatário
			Nº de interações, por natureza de interação
		Computador - email	Destinatários da interação
			Natureza da interação
			Nº de interações, por destinatário
			Nº de interações, por natureza de interação
		Computador - rede social, através de chat/comentário	Destinatários da interação
			Natureza da interação
			Nº de interações, por destinatário
			Nº de interações, por natureza de interação
		Computador - aplicação/instant messaging, através de chat	Destinatários da interação
			Natureza da interação
			Nº de interações, por destinatário
			Nº de interações, por natureza de interação

5. Estrutura do trabalho

O presente documento de dissertação contém duas partes: a primeira enquadra e desenvolve a problemática de investigação e expõe a metodologia de investigação aplicada. A segunda apresenta e faz a análise dos dados obtidos, apresentando também as conclusões. Segue-se uma análise crítica ao trabalho desenvolvido, enumerando as limitações do estudo e a apresentação de propostas para trabalho futuro.

CAPÍTULO 1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo aborda-se a metodologia utilizada na investigação.

1.1. Procedimento metodológico

1.1.1. Tipos de estudo

O estudo levado a cabo é do tipo exploratório. Segundo Saunders *et al.* (2009), citando Robson (2002), “*An exploratory study is a valuable means of finding out ‘what is happening; to seek new insights; to ask questions and to assess phenomena in a new light’*” (Robson, 2002 *apud* Saunders *et al.*, 2009).

A principal vantagem deste tipo de estudo resulta da sua flexibilidade e capacidade de adaptação a mudanças, sendo que, à medida que vão surgindo novos dados, resultado da recolha e posterior análise, como também da revisão de literatura, o investigador deve estar preparado e consciente que poderá ter de mudar a forma como aborda o estudo (Adams & Schvaneveldt, 1991 *apud* Saunders *et al.*, 2009).

1.1.2. Participantes

Este estudo detém-se na análise de 4 casos (4 famílias): residentes em meios urbanos (2) e meios rurais (2).

A população deste estudo compreende as famílias portuguesas, residentes em zonas urbanas e rurais. Assim, como poderá ser inteligível, os participantes deste estudo serão os elementos do agregado familiar “direto”, ou seja, pai, mãe e filho(s). Pretende-se que, apesar dos meios geográficos serem distintos, as famílias possuam características semelhantes, nomeadamente em relação à dimensão do agregado familiar, esperando-se, também, que os indivíduos possuam ao seu alcance tecnologias como o computador, telefone e telemóvel ou *smartphone*, com acesso à *Internet*.

1.1.3. Seleção dos casos

Os casos de estudo foram selecionados de acordo com o seguinte processo:

Por forma a selecionar as famílias procedeu-se à redação de um post¹ na rede social *Facebook*, a 21 de janeiro de 2013, solicitando a colaboração para o estudo, tanto num grupo de escuteiros do Corpo Nacional de Escutas (CNE), como também no próprio perfil do investigador.

Um total de 6 famílias mostraram-se interessadas em participar no estudo, sendo que apenas 4 delas devolveram as grelhas de recolha de dados enviadas pelo investigador.

¹ Vide in Anexo 1

² Vide in Anexo 2

³ Vide in Anexo 3

⁴ Vide in Anexo 4

⁵ Vide in <http://www.ine.pt/xportal/ine/portal/portlets/html/conteudos/listaContentPage.jsp?BOUI=6251013&xlang=PT>

Previamente ao processo de recolha de dados (entre 17 de janeiro e 17 de fevereiro e entre 26 de fevereiro e 13 de março) foram trocados *emails* com as famílias com algumas instruções, por forma a dar a conhecer aos participantes os documentos que lhes chegariam, ao domicílio, para preenchimento posterior, bem como para informar do envio dos documentos via postal – grelha (1ª parte)², folha de autorização de recolha de dados, referentes a um indivíduo menor³ de idade e grelha (2ª parte)⁴. Durante o processo de recolha dos dados (18 de fevereiro a 25 de fevereiro e 14 de março a 16 de março) foram também enviados *emails* de acompanhamento aos participantes, para esclarecimento de dúvidas e alertando quanto à necessidade e importância de um correto preenchimento das grelhas de registo.

1.1.4. Instrumentos de recolha de dados

Os dados foram recolhidos em duas fases, referindo-se a primeira à caracterização das famílias e a segunda ao registo das interações que estes indivíduos estabeleceram entre si. A primeira fase teve o seu início a 18 de fevereiro e término a 25 do mesmo mês, sendo que a segunda fase teve o seu início a 14 de março e o seu término a 16 do mesmo mês.

No que diz respeito aos instrumentos de recolha de dados foram utilizados inquéritos por questionário, visando a recolha de dados pessoais para caracterização das famílias, e grelhas de registo, através das quais se solicitaram dados como: número de mensagens enviadas (SMS, *chats* e *Instant Messaging*), número de *emails* enviados, principais plataformas de comunicação utilizadas, número de chamadas efetuadas por dia, bem como outros dados considerados pertinentes para conhecer o número, tipo e natureza das comunicações efetuadas pelos indivíduos em estudo, com o intuito de após a sua análise obter resposta à pergunta de investigação. Outros dados relevantes prendem-se com a idade dos membros da família e o dia da semana na qual foram registadas as comunicações. Estes tipos de informações baseiam-se no modelo de análise presente no ponto 4, da Introdução.

1.1.5. Tratamento dos dados

Após a obtenção dos dados, os mesmos foram tratados com recurso aos *softwares* Microsoft Excel e ao SPSS.

1.2. A família como objeto de estudo

Família pode definir-se, segundo Boudon *et al.* (1990), citando Mundock (1949), como “*grupo caracterizado pela residência comum e pela cooperação de adultos de ambos os sexos e dos*

² Vide in Anexo 2

³ Vide in Anexo 3

⁴ Vide in Anexo 4

filhos que eles geraram ou adoptaram” (Mundock, 1949 *apud* Boudon *et al.*, 1990). Uma definição que apresenta uma maior clareza, completando a já fornecida é a de Akoun (1982):

“A família é um grupo social irreduzível aos outros grupos: a sua formação, a sua estrutura, as suas dimensões, as suas condições de vida e as suas necessidades, as relações entre os seus membros e os seus vínculos com o conjunto do corpo social, as suas funções, tudo isto varia no tempo e no espaço em ligação com os sistemas de sociedades e as formas de civilização” (Akoun, 1982).

Por forma a complementar e explicar as suas próprias palavras, o mesmo autor acrescenta que:

“A família conjugal ou família restrita, composta de pai, mãe e filhos menores, é a forma ocidental moderna. Também se lhe dá o nome de «família biológica», «nuclear», «primária». Todas as formas de famílias das diferentes civilizações assinalam actualmente na sua evolução uma tendência para esta família conjugal monogâmica. Cada membro do casal pertence a duas famílias: aquela em que nasceu, a família de orientação, e a que ele criou pelo seu casamento, a família de procriação” (Akoun, 1982).

Em suma, deve ser reforçada a importância da família, no âmbito do presente estudo, já que, como observámos, ela se constitui como sendo a instituição primária, que forma todas as outras instituições. Verifica-se, também, que a família evolui, derivado dos condicionalismos sociais, económicos e tecnológicos. É neste sentido que Ascher (1998) refere algumas dessas alterações, nomeadamente o enfraquecimento das relações conjugais, derivadas do aumento da longevidade dos cônjuges. No entanto, as relações entre ascendentes, descendentes e colaterais reforçam-se; o aparecimento da família citadina atual revela, e faz surgir, vastas trocas aos níveis social, económico, afetivo e simbólico, o que leva, segundo o exemplo fornecido pelo autor, a que:

“(…) é graças às redes familiares que os jovens activos encontram um primeiro emprego, alojamento independente, uma ajuda para as primeiras compras dispendiosas de bens duráveis, uma «ajuda pessoal» para o acesso à propriedade da habitação, etc, e é também muitas vezes a partir dessas redes que ainda se concretizam grande parte das trajectórias matrimoniais” (Ascher, 1998).

Ascher (1998) acrescenta ainda que a mobilidade evidenciada pelos descendentes é uma característica das metápoles e que, cada vez mais, esta acontece mais cedo e de forma particular. Um dos exemplos que o autor refere é o aumento das distâncias, à medida que o nível de escolaridade aumenta, deixando de se dar preferência a meios de deslocação sem motor e

singulares, aos seus opostos, com motor e coletivos. No entanto, algo que pode ter efeitos negativos prende-se com o aumento de idade de coabitação com os progenitores, que pode derivar de algumas razões como o aumento do nível de escolaridade e consequente aumento de custos, a escassez de fundos durante a procura do primeiro emprego, as alterações no início de vida conjugal que é, cada vez mais, experimental e gradual (Ascher, 1998). O autor conclui a sua abordagem, no capítulo familiar, dizendo:

“Na metápole, a subida simultânea das interdependências e das autonomias provoca mobilidades que são não só crescentes, como também cada vez mais dessincronizadas(...) Assim, a evolução da família, composta por indivíduos cada vez mais autónomos, com ritmos variados, inscreve-se nesta dinâmica «individualista» (...) que foi progressivamente transformando a concepção das habitações, assim como a dos locais públicos, de modo a permitir aos indivíduos conjugar intimidade com sociabilidade” (Ascher, 1998).

Tendo por base as definições antes apresentadas, constata-se facilmente que a família é um elemento de profunda importância, apresentando-se como uma unidade básica e essencial neste estudo. Esta instituição apresenta os elementos que a constituem de duas formas: uma que evidencia as características de grupo e outra que possibilita estudos individuais. Por ter características que nenhum outro grupo social possui, e por constituir a base dos restantes grupos (qualquer indivíduo pertence a uma família), a família é o objeto de estudo escolhido no âmbito desta dissertação.

CAPÍTULO 2. COMUNICAÇÃO (PRESENCIAL E TECNOLOGICAMENTE MEDIADA) EM FAMÍLIAS RESIDENTES EM MEIOS GEOGRÁFICOS DISTINTOS

No presente capítulo clarificam-se conceitos relevantes para o trabalho nomeadamente comunicação, interação, comunicação mediada por computador, família, meio rural e meio urbano. Apresentam-se, ainda, alguns dados estatísticos relativos ao uso das TIC em Portugal.

2.1. Comunicação e Interação

Importa conhecer, de um ponto de vista mais generalista, o que se entende por comunicação e interação. Comunicação designa a troca de informações sob a forma de mensagens, podendo o termo aplicar-se igualmente à troca de bens e serviços e à partilha de vivências ou emoções. A interação social designa o processo através do qual as pessoas se relacionam umas com as outras, num dado contexto social. O conceito de interação está associado a uma unidade mínima de comunicação (Dicionário de sociologia, 2002).

No contexto deste trabalho ambos os termos (comunicação e interação) se usam de forma indistinta, querendo significar a mesma coisa: processo de troca de mensagens, de natureza diversa, entre indivíduos.

Em seguida, apresentam-se as perspectivas de Wolton (2009), Rodrigues (2007) e Sengrin e Flora (2004), no que à comunicação diz respeito.

2.1.1. Comunicação Presencial

Wolton (2009) aborda a comunicação de uma forma generalista e indica que *“a comunicação é um dos símbolos mais brilhantes do século XX; o seu ideal, aproximar os homens, os valores, as culturas”* (...) e *“mistura, de maneira indissociável, valores e interesses, ideais e ideologias”* (Wolton, 2009).

Para Wolton (2009) existem três níveis – direta, técnica e social – e duas formas – normativas e funcionais – de comunicação. No âmbito deste documento importa apenas referir dois níveis, sendo o primeiro a comunicação direta e o segundo a comunicação técnica. O autor define comunicação direta como *“(...)uma experiência antropológica fundamental”* na qual *“comunicar consiste em trocar algo com alguém”*, sendo a comunicação *“(...)sempre, simultaneamente, uma realidade e um modelo cultural (...)”* (Wolton, 2009). Esta forma de comunicação é sinónimo de comunicação presencial.

No que diz respeito à comunicação técnica, Wolton (2009) refere que:

“A comunicação é, também, o conjunto das técnicas que, num século, quebrou as condições ancestrais da comunicação directa para as substituir pelo reino da comunicação à distância. Hoje em dia entendemos por comunicação pelo menos tanto a comunicação directa entre duas ou mais pessoas, quanto a troca à distância mediatizada pelas tecnologias (telefone, televisão, rádio, informática, telemática...)” (Wolton, 2009).

No caso das formas de comunicação, como já foi referido, estas podem ser normativas ou funcionais. Por comunicação normativa, Wolton (2009) entende *“o ideal de comunicação, ou seja a vontade de intercâmbio, para partilhar qualquer coisa em comum e para uma compreensão mútua”* (Wolton, 2009). Já por comunicação funcional o autor refere que *“é preciso entender as necessidades de comunicação das economias e das sociedades abertas, tanto para as trocas de bens e de serviços como para os fluxos económicos, financeiros ou administrativos”* (Wolton, 2009).

Segundo Rodrigues (2007) existe um elemento importante na comunicação que o autor apelida de interação discursiva. Esta:

“(...) é uma actividade que seres humanos realizam na presença física uns dos outros, (...)a presença física é o factor primeiro e fundamental da prática discursiva que todas as outras modalidades de prática discursiva têm na actividade conversacional o seu modelo e o seu fundamento” (Rodrigues, 2007).

A *“presença física produz nos participantes um grau variável de energia emocional e desempenha, por isso, o papel fundamental de constituição da sociabilidade”* (Rodrigues, 2007) e *“quanto maior é o grau de energia emocional investida pelos participantes, mais animada e gratificante é a conversa e mais perfeitos são os processos de interssincronização das intervenções dos participantes”* (Rodrigues, 2007) sendo que o contrário também se verifica.

O autor acrescenta que *“numa conversa, cada um dos participantes possui um território próprio, a partir do qual fala e que entende igualmente ver respeitado, mantendo-o ao abrigo da intrusão dos outros participantes na interação conversacional”* (Rodrigues, 2007) e que *“à medida que progridem numa história conversacional comum, os participantes tendem a aumentar as marcas de familiaridade e a retrain, na mesma proporção, os limites dos territórios próprios”* (Rodrigues, 2007).

Em suma, segundo Wolton (2009) a comunicação é essencial, sendo este processo constituído por três níveis (direta, técnica e social) e duas formas (normativas e funcionais), nas quais o ser

humano se apresenta como um ser social que estabelece trocas de informação, através de um conjunto de técnicas que o conduzem, essencialmente, a processos de socialização e aculturação. Por outro lado, de acordo com Rodrigues (2007), a interação discursiva influencia a forma como comunicamos, ou seja, “a *energia emocional*” (Rodrigues, 2007) que se desenvolve nos processos comunicacionais, conduz a um maior ou menor aproveitamento e compreensão da essência da mensagem a transmitir.

2.1.2. Comunicação em Família

Sengrin e Flora (2004) referenciam a Teoria de Sistema Familiar. Esta teoria é:

“a special type of system with some characteristics that set it apart from some other types of systems. (...) In order to maintain the integrity of the system, it is essential to have some rules or patterns that hold the elements together and allow for the smooth functioning of the overall system” (Sengrin e Flora, 2004).

Por forma a completar o que foi dito, Sengrin e Flora (2004) acrescentam que:

“Our analysis of family routines reveals the patterns that emerge in family interaction. Often these patterns become ritualized, meaning they take on symbolic meaning. (...) The task takes on the status of ritual when it is repeatedly enacted as a means of symbolizing something—possibly care and attentiveness in the relationship. In rituals, the actual interaction is less important than what the interaction symbolizes. Everyday rituals (...) can help make sense of daily family life and symbolize family roles, rules, and bonds of connection. During times of stress and transition, rituals, even ones so simple as the dinnertime ritual, can take on heightened meaning and impact. Formal rituals (...) serve to transmit family values and publicly mark transitions in a way that produces memories. Some rituals even symbolize negative family themes.

The symbolic content of family interaction is also revealed and reconstructed in the stories family members tell and the secrets they keep. Even when we are “just talking” about the events and routines in our lives, we are telling stories and censoring information” (Sengrin e Flora, 2004).

Sengrin e Flora (2004) reconhecem a necessidade de dar suporte e socializar os membros da família, em geral, não importando a sua função ou distinção (Sengrin e Flora, 2004). O suporte aos familiares engloba o fornecimento de cuidados básicos, apoio emocional e apoio financeiro (Sengrin e Flora, 2004). É também expectável que as famílias socializem os membros, ou seja, que lhes forneçam, por exemplo, um conjunto de regras e maneiras básicas de conduta, lhes transmitam tradições e valores culturais e os ensinem a adaptar-se às mudanças na sociedade

(Sengrin e Flora, 2004). Assim se pode concluir que a comunicação familiar é um processo contínuo, com uma história única, presente e futura (Sengrin e Flora, 2004).

Os processos, ou seja, as interações, podem envolver alguns elementos como “*poder*”, “*tomadas de decisão*”, “*conflitos*” e “*intimidade*”, sendo estes elementos como impressões digitais de cada membro familiar e essenciais no processo comunicacional, independentemente dos resultados obtidos no decorrer das interações (Sengrin e Flora, 2004).

Com base nas ideias apresentadas por Sengrin e Flora (2004) verifica-se que a comunicação familiar é um processo que conduz à formação dos elementos, através das próprias interações estabelecidas entre eles.

2.1.3. Comunicação mediada pela tecnologia

Rheingold (1996) faz referência às comunidades virtuais, como sendo um conjunto de grupos sociais, nos quais participam inúmeros habitantes do mundo, através de computadores. Um termo que Rheingold (1996) também define é o de CMC – comunicações mediadas por computador – sendo que este se refere à tecnologia dos computadores e redes comutadas de telecomunicações (Rheingold, 1996).

O mesmo autor acrescenta ainda as definições de termos, a saber, rede – “*termo informal que designa as redes de computadores interligadas, empregando a tecnologia de CMC para associar pessoas de todo o mundo na forma de debates públicos*” (Rheingold, 1996) – e completa a definição de comunidades virtuais – como sendo “*agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço*” (Rheingold, 1996).

O autor indica que existe um constante processo de adaptação das múltiplas tecnologias às necessidades atuais, dos indivíduos, diferente das intenções originais (Rheingold, 1996).

Rheingold (1996), a propósito das CMC, indica que esta forma de comunicação pode mudar as vidas dos indivíduos, em três níveis, a saber, “*o das percepções, pensamentos e personalidades*” – invocando as necessidades mais básicas, de cariz intelectual, material e emocional (Rheingold, 1996); o nível “*interpessoal*” – que afeta, essencialmente, as amizades e comunidades, sendo que a CMC possibilita a “*comunicação multilateral, «de muitos para muitos»*” (Rheingold, 1996) e, o último nível que corresponde à política – que advém do social, já que “*a política é sempre uma combinação de comunicação com poder material*” (Rheingold, 1996).

Rheingold (1996) identifica nas CMC potencialidades e perigos.

No que diz respeito às potencialidades, apenas uma se evidencia, sendo esta a capacidade de “*publicar e conversar através do mesmo meio de comunicação*” (Rheingold, 1996).

No que concerne aos perigos, de igual forma, apenas um sobressai, sendo este revelador que a tecnologia pode ser utilizada para outros fins, menos dignos, mesmo quando muitos a utilizam como forma de libertação (Rheingold, 1996).

Devemos, assim, ter consciência de que o potencial das CMC pode ser visto, tanto pelo lado positivo, como pelo lado negativo, já que indivíduos ou instituições com intenções mais duvidosas poder-se-ão valer desta tecnologia para fins menos próprios (Rheingold, 1996).

O mesmo autor acrescenta, relacionado com a questão dos perigos, que quando o poder de computação for superior, algo que já verificamos, cada habitação tiver os seus terminais, capazes de enviar e receber massivas quantidades de informação, as pessoas irão “*vender pedaços da sua privacidade entre si*” (Rheingold, 1996). As informações de cada um são valiosas, independentemente do destinatário ou remetente, para alguma pessoa, individual ou coletiva, mesmo que não tenhamos optado por divulgar, de forma ativa, essas informações (Rheingold, 1996).

Foster & Baudrillard (s/d), referenciados por Rheingold (1996) revelam que nas comunidades virtuais, domina o hiper-realismo, o que faz com os homens se esqueçam, quando comunicam por telefone e computador, que a voz apenas está, virtualmente, ao nosso alcance e que, há medida que a tecnologia vai evoluindo e sejam criadas ilusões cada vez mais perfeitas, se verificará uma necessidade urgente de questionar a realidade (Foster & Baudrillard (s/d) *apud* Rheingold, 1996).

Paradoxalmente, estas tecnologias não substituíram a comunicação face-a-face, mas dependem dela e fortificaram a sua posição (Hall, 1996).

Em suma, apesar do paradoxo referido por Hall (1996) verifica-se que a comunicação mediada por computador (CMC) se apresenta como forma válida e atual, no que aos processos comunicativos diz respeito.

2.2. Lugares

Seguidamente aborda-se a dicotomia urbano/rural e refere-se a influência das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nesses meios.

2.2.1. Urbano

Os conceitos de urbano e cidade estão intimamente relacionados.

De acordo com Donne (1983), o conceito de urbano “é quase universalmente entendido como dizendo respeito apenas a populações relativamente grandes, densas e estáveis ocupadas principalmente com actividades económicas não agrícolas” (Donne, 1983).

Um dos elementos de maior importância num meio urbano é o seu sistema de transportes, já que possibilita a circulação de pessoas e bens (Donne, 1983). Com isto, pode deduzir-se que, na cidade, existe um maior número de oportunidades passíveis de serem encontradas, tanto a nível profissional, como pessoal, em oposição ao ambiente rural (Donne, 1983).

De forma geral, ao observarmos a cidade, verificamos que a mesma representa centros urbanos de maior dimensão, em relação aos centros urbanos rurais. Dentro desta existem múltiplas funções a serem desempenhadas pelos seus habitantes que, em última análise, são de índole administrativa, comercial, financeira, entre outras. Para suceder que as múltiplas funções sejam divididas da forma mais equitativa possível é necessário atentar-se nos movimentos diários da população ativa, de turistas, dos transportes energéticos e de bens de consumo (George, 1963 *apud* Donne, 1983). Donne, citando Dickinson, acrescenta que:

“(…)a noção de cidade é inseparável da de região de desenvolvimento: «Toda a concentração urbana, pequena ou grande, é de alguma forma, um centro directivo do comércio e das instituições, visto que a verdadeira natureza da qualidade urbana é o fornecimento de bens e serviços à área tributária. Cada centro age como se fosse um ponto focal, situado na confluência de vias e correntes de tráfego por meio das quais se liga à área circundante que constitui o seu corpo de associação»”(Dickinson 1964 apud Donne, 1983).

Importa clarificar que a cidade é constituída pelos indivíduos que nela habitam, pelas actividades que desenvolvem e praticam, como também por outros elementos. Retomando a definição que Donne (1983) refere, constata-se que existem cinco sistemas que estão presentes na estrutura da cidade, sendo o primeiro, “o sistema económico-ecológico ou produtivo” (Ferrarotti, 1973 *apud* Donne, 1983) - que visa a utilização do território e dos bens produzidos, de forma a criar e distribuir esses mesmos bens -, o segundo, um “sistema político” (Ferrarotti, 1973 *apud* Donne, 1983) – no qual se gere, organiza e elaboram decisões relevantes, com o propósito final de as colocar em prática -, o terceiro, um “sistema escolar e mass media” (Ferrarotti, 1973 *apud* Donne, 1983) - que permita, não só a criação de novos valores, como também a transferência e

eternização dos valores mais tradicionais -, o quarto, um “*sistema familiar ou reprodutivo relativamente formativo*” (Ferrarotti, 1973 *apud* Donne, 1983) – que se refere à família, no seu núcleo, às relações, de índole psicológico-afetivas, que estabelece entre si, e à socialização, como formas de inculcar os valores e atitudes que devem ser respeitados, na vida social, ou seja, em sociedade – e o quinto, um “*sistema simbólico*” (Ferrarotti, 1973 *apud* Donne, 1983) – que se encontra relacionado com crenças religiosas, que consolidam as relações de convivência de e entre os indivíduos.

Por forma a condensar a definição de cidade fornecida por Donne (1983), Boudon *et al.* (1990) referem no *Dicionário de Sociologia*, que cidade “ (...) é um *ajuntamento durável e relativamente denso de população num espaço circunscrito* (...) ” (Boudon *et al.*, 1990). Ora, de acordo com os mesmos autores, esta densidade populacional pode exprimir um conjunto de relações económicas, laborais e sociais, resultando algumas divisões entre estratos sociais (Boudon *et al.*, 1990).

2.2.2. Rural

Segundo o *Dicionário de Sociologia*, rural define-se por “*pequenos mundos fechados justapostos* (...)” (Akoun, 1982). Como a definição anterior aparenta ser algo vaga recorreram-se a outras obras, por forma a obter uma definição mais sólida. Assim, segundo Figueiredo & Ferrão (2007):

“*as áreas rurais podem ser globalmente caracterizadas como «partes do território que foram menos afectadas pelos processos de urbanização e desenvolvimento industrial e que, por isso mesmo, são menos densamente povoadas, sofrendo diversos níveis de marginalização»*” (Grimes, 2000 *apud* Figueiredo & Ferrão, 2007).

Em suma, o meio rural apresenta-se como o oposto do meio urbano.

2.2.3. Realidade dicotómica

Existem autores que referem e valorizam a relação que se estabelece entre os meios, como Donne (1983) e Marques (2003), numa realidade que evidencia a dicotomia urbano/rural.

Apesar das definições presentes nas secções 2.2.1 e 2.2.2, segundo Donne (1983) as Nações Unidas sugerem que se deve “(...) *acrescentar à classificação urbano e rural* (...) *dados estatísticos classificados por grandeza de localidade e aglomeração*” (Donne, 1983). Segundo o Instituto Nacional de Estatística, I.P. (INE)⁵, em Portugal, a tipologia das áreas urbanas (TIPAU) de 2009, define três conceitos que clarificam as noções de urbano e rural, a saber: área

⁵ Vide in <http://www.ine.pt/xportal/ine/portal/portlets/html/conteudos/listaContentPage.jsp?BOUI=6251013&xlant=PT>

predominantemente urbana (APU), área medianamente urbana (AMU) e área predominantemente rural (APR). As definições destes conceitos podem ser consultadas, na íntegra, nos *links*⁶⁷⁸, sendo que as freguesias são o elemento estrutural em análise nos conceitos.

Importa referir que, nos primeiros casos (duas definições), basta que ocorra um dos pontos que constituem a definição, para que a freguesia corresponda a esse conceito.

No caso de APU, observa-se no ponto 3⁹ o seguinte:

“a freguesia integra total ou parcialmente um lugar com população residente igual ou superior a 5 000 habitantes, sendo que o peso da população do lugar no total da população residente na freguesia ou no total da população residente no lugar, é igual ou superior a 50%”

Em relação às AMU constata-se que o ponto 4¹⁰ revela:

“a freguesia integra total ou parcialmente um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes e inferior a 5 000 habitantes, sendo que o peso da população do lugar no total da população residente na freguesia ou no total da população residente no lugar, é igual ou superior a 50%”

Já no caso de APR basta que as freguesias não sejam “(...) classificadas como “Área Predominantemente Urbana” nem “Área Mediamente Urbana”¹¹

Donne (1983) refere ainda que “a cidade e o campo podem ser considerados como dois polos de referência mútua pelos quais todos os agregados humanos tendem a ordenar-se” (Donne, 1983).

Com isto se verifica que, apesar das múltiplas diferenças e clivagens que possam existir, entre o campo e a cidade, ambos os elementos são fundamentais para os seres humanos.

Marques (2003) revela que esta dicotomia rural/urbano “tem vindo a ser substituída pelos novos relacionamentos entre urbano e rural, retratando as interdependências funcionais e espaciais e a necessidade de promover uma maior integração e complementaridade territorial” (Marques, 2003).

Marques (2003) retrata o estado das duas maiores cidades portuguesas – Lisboa e Porto – revelando que estes centros urbanos são muito apetecíveis para atividades tecnológicas, indústrias e serviços, o que acabará por lhes conferir privilégios – como um maior

⁶ Vide in <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5717>

⁷ Vide in <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5716>

⁸ Vide in <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/6170>

⁹ Vide in <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5717>

¹⁰ Vide in <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5716>

¹¹ Vide in <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/6170>

desenvolvimento sustentável, nas áreas acima referidas – em relação ao restante território nacional. Por outro lado, os meios mais afastados destas duas cidades são associados “(...) *ao abandono, ao envelhecimento, ao declínio da agricultura, às fracas oportunidades de emprego e a uma oferta escassa de educação e serviços culturais*” (Marques, 2003).

As interdependências resultam das múltiplas trocas de produtos, bens e serviços – sejam eles relacionados com a tecnologia, informações ou dinheiro (Marques, 2003). A propósito do dinheiro, Engels (1955), citado por Donne (1983), tece um conjunto de considerações interessantes, revelando que:

“O dinheiro, sendo o equivalente de toda a multiplicidade dos objectos em termos de ‘quanto?’, o dinheiro, com toda a sua anonimidade e indiferença torna-se o denominador comum dos valores e, inevitavelmente afasta os objectos da sua essência, da sua individualidade, do seu valor particular, e da sua peculiaridade. Todos os objectos balançam da constante corrente monetária.” (Engels, 1955 *apud* Donne, 1983).

Ora, aqui se observa que este objeto, que reduz os outros objetos a um determinado valor, pode ser um dos fatores responsáveis pelas mudanças na sociedade e na forma como os indivíduos se adaptam à mesma – seja do ponto de vista de habitação, tecnológico, laboral, entre outros.

Retomando o trabalho de Marques (2003) constata-se que ocorreram três grandes fases, no que diz respeito à forma como a sociedade se distribuía, em Portugal. Assim, a primeira fase refere-se a um período maioritariamente rural, pois as necessidades dos portugueses eram, facilmente, colmatadas pelo trabalho no campo. Na segunda fase, diretamente relacionada com o período pós-revolução industrial, houve uma inversão de cenário, sendo que a satisfação das necessidades económicas da população passou a figurar nos ambientes urbanos e, os ambientes rurais, passaram a estar dependentes dos anteriores. A terceira fase, na qual nos encontramos, reflete as trocas constantes entre meio urbano e rural (Marques, 2003).

No que à população diz respeito, verifica-se um declínio acentuado, tanto nos que residem, como na “*própria densidade populacional, nos últimos cinquenta anos.*” (Marques, 2003). De igual modo, a autora acrescenta que, à data do estudo realizado, “*(...)na última década os campos foram territórios de êxodo e de envelhecimento (...). Simultaneamente as ‘áreas moderadamente urbanas’ (...) e as ‘áreas predominantemente urbanas’ ganharam (...) habitantes*” (Marques, 2003).

Revela Marques (2003) que, a partir de 1990 e nos dez anos seguintes, se deu um aumento significativo na compra de terrenos, por indivíduos cuja atividade laboral não estava relacionada com a agricultura. Isto acontece porque os cidadãos pretendem um local, longe do *stress* imposto pela vida urbana, para desanuviarem das pressões e aproveitarem o que o “campo” possui para lhes oferecer, como também porque necessitam de uma segunda habitação. Logo, “*as transferências de propriedades nas áreas rurais são um indicador da urbanização dos campos*” (Marques, 2003). Isto quer dizer que começa a existir um “*desenvolvimento social sustentável*” (Marques, 2003) capaz de estabelecer “*padrões de valores e orientações que permitem a inovação e desenvolvimento das capacidades sociais e locais*” (Marques, 2003).

Importa acrescentar que as relações dos fluxos entre meio urbano e rural “*podem ser abordadas segundo diferentes perspectivas*” (Marques, 2003) a reter: as movimentações entre a habitação e o local de laboração; as movimentações em busca da satisfação das necessidades de produtos, bens ou serviços, na cidade e as movimentações contrárias, ou seja, da cidade para o campo, em busca do sossego e da natureza.

Por fim, a autora faz referência à importância dos meios de transporte – que possibilitam a deslocação habitação-trabalho – e reforça a interdependência entre cidade e campo, num modelo cada vez mais atual, que pode ser dividido em três cenários possíveis, sendo estes o “*cenário de preservação*” (Marques, 2003), o “*cenário de equilíbrio*” (Marques, 2003) e o “*cenário de complementaridade e articulação*” (Marques, 2003).

Resumindo, poder-se-á assumir que, de acordo com o que tem vindo a ser demonstrado, o cenário mais provável será o último (complementaridade e articulação), já que ambos os lugares se completam e interagem entre si, beneficiando e contribuindo o indivíduo comum para esta realidade.

2.2.4. Influência das TIC nos meios e sujeitos

Nesta secção apresentam-se informações que permitem compreender a evolução da comunicação, quando influenciada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nos meios geográficos em estudo.

Mumford (1979), no final dos anos 70, adverte que nos encontramos numa era cada vez mais automatizada e que estes processos se afastaram dos objetivos que deveriam servir (Mumford, 1979). Mumford refere que devemos conceber a cidade como algo essencial para a expressão e consequente atualização da nova personalidade humana, que deriva destas mudanças e processos. Ora, no que diz respeito à comunicação, o autor indica que:

“(...) for communication, the entire planet is becoming a village; and as a result, the smallest neighborhood or precinct must be planned as a working model of the larger world” (Mumford, 1979).

Por forma a completar a ideia de Mumford (1979), Donne (1983) indica que é a partir do século XX, com um conjunto de fatores, nomeadamente, a diminuição de horas de laboração, a abundância de produtos e, principalmente, a existência de um mundo cada vez mais urbanizado - resultado do processo de revolução industrial – que se dá a mudança de um período de produção, para um período de consumo (Donne, 1983). A autora indica que surge um novo tipo de sociedade – a sociedade “*heterodigitada*” (Donne, 1983), que é o reflexo da mudança de paradigma descrita (passagem de período de produção a consumo) e que reflecte uma nova postura perante a educação, o conforto e bem-estar e o tempo-livre, registando-se um aumento no consumo das informações por quem orientava e construía a opinião pública, influenciando, em última análise, o cidadão comum, nas suas escolhas e formas de ver o mundo (Donne, 1983).

Donne acrescenta ainda que, atualmente, o ser humano vive um ritmo frenético, lutando, diariamente, contra o tempo, em todas as áreas da sua vida. Torna-se impreterível, como a própria indica, citando Hellpach (1966), “ *«fazer aquilo que é necessário»* ” (Hellpach, 1966 *apud* Donne, 1983) tornando-se esta a principal premissa do homem que (sobre)vive nesta nova era. Assim, comunicar torna-se fundamental na criação de uma nova teoria do crescimento urbano. Com isto, baseando-se em Meyer (s.d), Donne (1983) revela que são necessários:

“um transmissor, uma mensagem, um meio de transmissão, um receptor, atenção da parte de quem recebe a informação, uma linguagem compreensível, uma unidade de tempo, para que o processo se efectue, um ou mais objectivos a atingir. O conjunto de informações (fluxos informacionais) pode ser determinado através de um sistema de partida dupla, semelhante ao que é utilizado para registar a proveniência e o destino dos fluxos de tráfego, usando como unidade de medida a informação transmitida, a parte de informação significativa, recebida pelo indivíduo singular, que ele chama «hubit»” (Meyer, s.d *apud* Donne, 1983).

Donne (1983) acrescenta uma outra ideia relacionada com a tecnologia, dizendo que a mesma irá impulsionar um processo de desurbanização e descentramento, tanto da população como da indústria (Donne, 1983). Já Sassen (1991), referida por Hall (1996), refere que:

“As sophisticated telecommunications services have grown, cost have fallen and the old barriers of distance have eroded, allowing information to be moved around the world instantaneously and

effortlessly(...)as this as occurred, it has paradoxically increased the attraction of the few key cities where special information is exchanged and shared” (Sassen, 1991 apud Hall, 1996).

De acordo com Graham (1998) revela que poderão esbater-se os limites físicos, tendo em conta o avanço tecnológico, a redução de custos nos equipamentos que permitam comunicar, virtualmente, a possibilidade de realizar qualquer operação – como compras, agendamento de pagamentos, ver um filme, ouvir música, entre outros – pois tudo é possível em qualquer lugar, em qualquer espaço de tempo (Graham, 1998).

O autor acrescenta também que:

“Human societies, cultures and economies are seen simply to migrate into the electronic ether, where identities will be flexibly constructed, any services might be accessed, endless fantasy worlds experienced and any task performed, from any location and at any time, by human agents acting inside the limitless domains of constructed electronic environments” (Graham, 1998).

Um outro elemento que o autor introduz é que o ciberespaço serve de escapatória às pressões e adversidades do mundo real. O mesmo ciberespaço deve ser considerado como um conjunto de fragmentos múltiplos e heterogêneos (Graham, 1998).

Graham (1998), referenciando Latour (1987), acrescenta que os sistemas de telecomunicações funcionam, atualmente, como redes tecnológicas nas quais espaço e tempo, novas formas de interação humana, controlo e organização são continuamente construídas (Latour, 1987 apud Graham, 1998).

Por outro lado, mas com o intuito de reforçar todo o conjunto de transformações que têm ocorrido Haythornthwaite e Wellman (2002) indicam que muitos dos laços sociais que temos, não se encontram fisicamente perto de nós. Estes laços espalham-se pelas áreas metropolitanas e mesmo por outros países ou continentes. Apesar disto, as pessoas começam a manter estes laços não na sua comunidade, mas em várias comunidades de forma simultânea, encontrando-se comprometidas com elas de uma forma limitada. As nossas vidas passam a ser “*glocalizadas*” (Hampton & Wellman, 2002 apud Haythornthwaite e Wellman, 2002) ou seja, conseguimos combinar laços distantes, fisicamente, mas que aproximamos e mantemos através das nossas casas e locais de trabalho (Wellman, 1999, 2001; Fischer 1982 apud Haythornthwaite e Wellman, 2002).

Wellman (2002; 2004) refere a importância da *Internet* e o seu efeito nas pessoas, em geral, como também o conceito de individualismo em rede:

“The personalization, portability, ubiquitous connectivity, and imminent wireless mobility of the Internet all facilitate networked individualism as the basis of community” (Wellman, 2002).

“The Internet and other new communication technologies are facilitating a basic change (...) which I have started to call “networked individualism. (...) Instead of being rooted in their homes, cafés, and workplaces, people are becoming connected as individuals, available for contact anywhere and at anytime. Instead of being bound up in a neighborhood community where all know all, each person is becoming an individualized switchboard, linking a unique set of ties and networks. (...) The Internet provides both communication and information resources to keep in greater touch with community members – from neighbors to cousins left behind in international migrations” (Wellman, 2004).

Wellman (2004) refere que a comunicação *online*, independentemente do meio utilizado, não substitui mas fornece um valor acrescentado às formas de comunicação tradicionais, nomeadamente à face-a-face, o que em última instância conduz a um aumento globalizado do volume de contatos estabelecidos (Wellman, 2004). O mesmo autor refere, num estudo conjunto com Hogan (2004), que a *Internet* se embutiu na vida quotidiana, constituindo uma rotina para comunicar e estar informado, sendo hoje em dia incontornáveis os *sites* de redes sociais.

Utilizando um exemplo empresarial que não só reforça as ideias anteriores, como também nos fala de hiperconectividade, torna-se clara a importância da comunicação mediada por computador (CMC), como complemento das comunicações face-a-face. Segundo Quan-Haase e Wellman (2006) esta situação revela que os seres humanos estão sempre ligados e disponíveis para comunicar, já que através da hiperconectividade se criam novas formas de colaboração. Estas formas combinam a comunicação mais tradicional com a flexibilidade da comunicação efetuada através da *Internet* (Quan-Haase e Wellman, 2006).

Chesley (2006) indica que começam a aparecer provas que sugerem que o uso da tecnologia aumenta a comunicação familiar, como também uma melhor coordenação da vida em família. (Chesley, 2006).

Olhando, agora, para o caso português, descrito por Figueiredo & Ferrão (2007), encontramos na *“sociedade do conhecimento (...) caracterizada essencialmente pela aceleração dos processos de produção, disseminação, acesso e utilização da informação e do conhecimento”* (Figueiredo &

Ferrão, 2007). Constatam os autores que as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) têm sido um fator que, ao invés de incluir e aproximar gerações, apresentam o efeito contrário, derivado da dificuldade no acesso às infraestruturas e à própria utilização destas tecnologias.

Recorde-se que “*as áreas rurais portuguesas padecem de problemas antigos e persistentes, como perdas populacionais importantes, envelhecimento acentuado, elevados índices de analfabetismo e baixos níveis de escolaridade*” (Figueiredo & Ferrão, 2007). É, contudo importante mudar a forma como olhamos para o meio rural, fazendo convergir os esforços para contrariar esta tendência, revertendo assim “*a espiral exclusiva tecnológica e social, utilizando a comunicação e a informação proporcionadas para a capacitação da humanidade*” (Castells, 1999 *apud* Figueiredo & Ferrão, 2007).

Os autores referem, ainda, que a tecnologia, quando isolada dos contextos situacionais, é neutra. Para contrariar esta tendência devem ser tidas em consideração as necessidades locais (Figueiredo & Ferrão, 2007). De igual modo, não devem ser elementos externos aos próprios ambientes geográficos a programar e avaliar formas de implementar e promover o uso das TIC, como fator de inclusão.

Por outro lado, retomando a ideia de que as TIC são benéficas e possibilitadoras de formas de comunicação mais eficazes, Kennedy et al. (2008) indicam que, tanto os telemóveis, como a *Internet* são vistas como ferramentas positivas e que aumentam a qualidade de vida dos membros familiares (Kennedy et al., 2008). Assim, Kennedy et al. (2008) referem que os jovens adoptam a *Internet* e as suas potencialidades, nomeadamente as redes sociais, para comunicar, conhecer e manter contato com amigos (Kennedy et al., 2008).

De acordo com um estudo canadiano conduzido por Wellman et al. (2009) as TIC permitem às famílias a simplificação das suas rotinas, agendas e vida familiar (Wellman et al., 2009). As tecnologias de informação e comunicação também são importantes na manutenção de laços afetuosos e amorosos através do espaço e do tempo, verificando-se que a comunicação constante confere às pessoas um maior sentimento de segurança (Wellman et al., 2009), ou seja, em vez das TIC afastarem as famílias e as comunidades estas tecnologias facilitam a comunicação e integração, de forma frequente (Wellman et al., 2009).

Começam a surgir “*comunidades pessoais*” que, segundo Chua et al. (2010), “*overlap with other social networks to create a system of social interactions resembling a loosely coupled but unmistakably linked social whole*” (Chua et al., 2010). Estas comunidades são únicas e próprias de cada indivíduo.

Castells (2011) remete para o conceito de cidade global – “*cidade*”, no espaço, que resulta das múltiplas articulações entre várias cidades ligadas, eletronicamente, a uma forma de domínio funcional planetário. De acordo com o autor no século XXI, “*entrámos numa nova idade*” e é necessário criar-se uma nova teoria capaz de explicar a relação entre o espaço e fluxos comunicacionais, num contexto social e tecnológico (Castells, 2011). O autor revela que as transformações espaciais fazem parte integrante da sociedade, constituindo uma dimensão fulcral nos processos de organização e mudança sociais.

Surge, assim, uma nova sociedade – a sociedade em rede – característica basilar desta nova idade – a idade da Informação (Castells, 2011).

O autor apresenta seis componentes da transformação do espaço urbano, no início do século XXI, que considera elementares.

O primeiro refere-se à forma como a evolução tecnológica, seja através de transportes controlados por computador, da *Internet* ou das telecomunicações, contribui para uma descentralização e, consequente, aparecimento de uma nova geografia mundial, isto é, um mundo em que tudo está interligado, um mundo em rede (Castells, 2011). O segundo componente relata que as relações sociais possuem duas características que as definem – o individualismo e o comunalismo. Estas características fazem-se valer, simultaneamente, dos padrões espaciais e de comunicação *online*. Tanto as comunidades virtuais, como as físicas são afetadas por três fatores – aumento de individualismo no trabalho, pelos hábitos residenciais e pelas relações sociais (Castells, 2011).

O terceiro alude ao facto do aparecimento de uma nova forma de empresa – a empresa em rede – que revela, também, o advento de uma nova forma de atividade económica. Sendo que esta forma empresarial é altamente descentralizada, tanto a forma de trabalho, como a própria gestão, contribuem para o esbatimento da distinção entre espaços de trabalho e residência (Castells, 2011).

O quarto refere que as áreas urbanas mundiais são, cada vez mais, multiculturais e multiétnicas (Castells, 2011). O quinto indica que a existência de quebras nos padrões de comunicações entre indivíduos, culturas, e aumento de espaços defensivos, conduz a formas de segregação registando-se um aumento do fosso entre ricos e pobres. Por fim, o sexto componente revela que, em geral, o novo mundo urbano aparenta ser regulado tanto pela inclusão nas redes *online*, como também pela cisão espacial dos lugares. Quanto maiores os valores, tanto de pessoas, como dos lugares, maior a sua presença nessas redes interativas. Evidentemente, o contrário também se

aplica. Eventualmente, poderá acontecer que alguns locais estejam totalmente desligados desta rede, como é o caso de zonas rurais de todo o mundo (Castells, 2011).

Castells (2011) indica, ainda, que existem três elementos principais na sua proposta de teoria da transformação espacial, sendo eles a função, o significado e a forma.

No que concerne à função, o autor indica que a sociedade em rede se organiza entre o global e o local e que a cidade deverá ser o ponto central desta rede, captando ambas as naturezas – global/local. Adverte, no entanto, que surgem problemas capazes de destruir as cidades, de dentro para fora, quando se tenta dar igual importância a ambas as naturezas (Castells, 2011).

Em relação ao significado, Castells (2011) indica que existe igual conflito entre individualismo e comunalismo. Assim sendo, no que diz respeito ao individualismo, o autor indica que existe um compartimento dos projetos, interesses e representações do ser humano, enquanto pessoa (Castells, 2011). Por comunalismo, Castells (2011) entende que existe outro compartimento que diz respeito à entidade que é partilhada, sendo que esta se baseia no sistema de valores e crenças às quais se subordinam todas as restantes formas de identidade (Castells, 2011). O mesmo autor acrescenta que a sociedade só existe entre os indivíduos e suas identidades, mediadas pelas remanescentes instituições, revelando, ainda, que a tendência é que aumentem as tensões e distanciamento entre personalidade e cultura, entre individualistas e comunalistas. Isto verifica-se porque quanto maiores são as cidades, maior o número de indivíduos que terão de coexistir (Castells, 2011).

Atente-se agora, no último elemento – a forma. O mesmo autor indica que a tensão entre espaços de fluxos e dos lugares tem vindo a aumentar, sendo que, no caso do espaço dos fluxos, este elemento liga um conjunto de atividades e pessoas, eletronicamente, através de uma rede interativa, pertencentes a localizações geograficamente distintas e que, no caso do espaço dos lugares, este organiza as experiências e atividades dentro dos limites de um determinado local (físico) (Castells, 2011).

Castells (2011) revela que as cidades atuais (cidades de informação) se constroem através deste sistema dicotómico, sendo constituídas, simultaneamente, pelo espaço de fluxos e dos lugares – e consequentes relações que estabelecem entre eles.

Castells (2011) relata, por outras palavras, a mudança no paradigma cultural, já que deixa de existir uma cultura dominante dando esta lugar a várias sub-culturas, que derivam da rápida expansão das informações, através dos media e da *Internet*. Assim, entendem-se por protocolos

de comunicação o conjunto de elementos físicos, sociais e eletrónicos capazes de reger os processos comunicativos.

O autor adianta que poderão ser necessários mais do que um protocolo ou relações estabelecidas entre protocolos, para efetuar a regulação dos códigos utilizados neste novo universo comunicacional e multidimensional (Castells, 2011). Pode, no seguimento da teoria defendida por Castells (2011) inferir-se a definição de padrões de comunicação como sendo o conjunto de ações que se repetem, durante múltiplos processos de comunicação dos sujeitos, mediados ou não mediados tecnologicamente, que visam a transmissão ou receção de uma mensagem.

Atualmente, fazemos parte dos fluxos e movemo-nos por entre os locais, sendo que o local onde habitamos – cidade e campo – nos impõe um sentido de tempo diferente (Castells, 2011), existindo segundo o mesmo autor uma predominância da comunicação electrónica/tecnologicamente mediada como uma nova forma de socializar (Castells, 2011).

O’Keeffe et al. (2011) revelam que existem benefícios na utilização dos media sociais, tanto por filhos, como por pais. Alguns destes são a “*socialização e comunicação*”, acesso a “*melhores oportunidades de aprendizagem*” e “*acesso a informações de saúde*” (O’Keeffe et al., 2011). No entanto, os autores alertam para alguns riscos, principalmente no caso dos jovens, como “*cyberbullying e assédio online*”, “*sexting*” e “*depressão causada pelo Facebook*”, (O’Keeffe et al., 2011) revelando que estes riscos advêm do uso impróprio de tecnologia, falta de privacidade, partilha de demasiada informação ou mesmo postar falsa informação sobre eles e outros (O’Keeffe et al., 2011).

Rainie e Wellman (2012) referem que nos encontramos, actualmente, numa revolução tripla:

What we call the Triple Revolution in social networks, in the Internet, and in mobile connectedness will change but never end in the ongoing turn to a networked operating system. The foreseeable future holds the prospect that individuals will be able to act more independently with greater power to shape their lives, if they choose to do so and if the circumstances will enable them to do so. Yet, the foreseeable future also contains the burden of knowing that people will have to work harder on their own to get their needs met. Tightly knit, permanent groups will continue to be stable cores for some, and social networks will play greater roles in all human activities. The work of networked individuals is never quite done—and the satisfactions of netweaving are always available (Rainie e Wellman, 2012).

Assim, Mok et al. (2010) são da opinião que as combinações entre as duas formas de comunicação, mediada e não mediada tecnologicamente, nas cidades, como formas de maximização das interações se mantêm, embora de uma forma modificada. Segundo os autores, as cidades continuam a albergar contato face-a-face e muito desse contato acontece localmente. Contrariamente ao conceito de “*aldeia global*”, de Castells, é introduzido o termo “glocalização” (Mok et al., 2010).

No que diz respeito aos limites físicos e geográficos Mok et al. (2010) acrescentam que “*The city is no longer the boundary – if it ever was – it is the hub*” (Mok et al., 2010).

Em suma, Castells (2011) indica que existe uma nova forma de urbanismo na qual todos comunicamos e interagimos, com os nossos homólogos, deliberada e/ou automaticamente, *online* e, cada vez mais, recorrendo a tecnologias sem fios. (Castells, 2011). Kennedy et al. (2011) referem a mobilidade e ubiquidade das TIC como elementos facilitadores, capazes de complementar e melhorar a comunicação entre os membros das famílias ao longo do dia, a múltiplos níveis (Kennedy et al., 2011). Por outro lado, apesar do estar *online* aumentar a qualidade e frequência das comunicações familiares, tanto pais como filhos desejam separar as suas vidas familiares das sociais (Microsoft e AARP, 2012).

2.3. Dados estatísticos sobre os meios tecnológicos

Seguidamente, apresentam-se dados estatísticos relacionados com as taxas de penetrações de múltiplos serviços tecnológicos, em Portugal, por forma a contextualizar o leitor.

2.3.1. Dados referentes a 2012

Como se constata no relatório da Obercom, intitulado *Sociedade em Rede em Portugal 2012 - Internet em Portugal*, o acesso à Internet, de forma generalizada, no nosso país, tem vindo a aumentar, em ambiente doméstico, sendo que se verificou um aumento de 5,8% entre os anos de 2010 e 2011 – com percentagens de 51,2% e 57,0%, respetivamente. A principal responsável por este aumento é a disponibilização de Internet, por banda larga, via cabo ou ADSL. Existe, ainda, uma breve referência à fibra óptica, que apresenta um valor de 7,7% (OBERCOM, 2012).

Em relação à adesão à *Internet*, observa-se que 72,5% dos portugueses utilizam esta rede há 4 ou mais anos, registando-se, apenas, uma percentagem mínima – de 4,8% - dos respondentes que apenas começaram a utilizar a *Internet* no ano de 2010 (OBERCOM, 2012).

Atente-se, agora, no nível de utilização da *Internet*.

Este exercício está diretamente relacionado com os níveis de alfabetismo, idade e escolaridade. Assim se verifica que a utilização da *Internet* diminui, com o aumento da idade e diminuição do nível de escolaridade.

Por exemplo, 90,6% dos indagados, com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos, utilizam a *Internet*. Em contrapartida, apenas 5,0% dos que têm mais de 65 anos utilizam este recurso para comunicar. Note-se ainda que 97,5% dos questionados, com o nível de instrução primário por concluir, não utilizam *Internet*. No entanto, uma percentagem semelhante – 96,9% - dos utilizadores desta forma de comunicação pertencem ao nível universitário, entenda-se, que possuem formação superior – Licenciatura, Pós-Graduações ou Doutorados (OBERCOM, 2012).

No que diz respeito a outros dispositivos tecnológicos, como o telefone fixo, telemóvel, computador, dispositivos de banda larga móvel e *tablets*, constata-se que, no que ao telefone diz respeito, existe uma percentagem considerável de lares que possuem este meio de comunicação – 61,3%. No caso do telemóvel, esta percentagem sofre um aumento de 27,2%, face à presença do telefone fixo, registando-se um total de 88,5%. Por fim, no que ao computador diz respeito, os dados indicam que, no caso da posse de computadores portáteis, existe uma percentagem de 50,5% reveladora da presença deste dispositivo tecnológico, enquanto que, no que ao computador de secretária diz respeito, a percentagem decresce 15,3%, registando-se o valor de 35,2% - que continua a ser, igualmente, significativo.

Os casos referentes, tanto à *Internet* móvel (por banda larga ou telemóvel/*smartphone* com acesso à *Internet*), com uma percentagem de 21,7%, e ao *tablet*, com uma percentagem de 1,5%, aparentam indicar que estas tecnologias poderão, dado o seu previsível enraizamento no mercado, contribuir para um acesso à *Internet* ainda mais generalizado e comum, entre os portugueses (OBERCOM, 2012).

Ao estabelecer uma relação entre acesso à *Internet* e telemóvel, verifica-se que 99,5% dos utilizadores que usufruem da primeira gozam, igualmente, deste aparelho que permite comunicação a distância (OBERCOM, 2012).

A principal atividade realizada, em Portugal, pelos internautas, é o envio e receção de correio electrónico – *emails* – apresentando uma percentagem de 87,3%. A esta atividade seguem-se o uso das redes sociais, com 73,4% de representatividade, e os serviços de *instant messaging*, com 63,2% (OBERCOM, 2012).

No que diz respeito às redes sociais, constata-se que a grande maioria dos respondentes – 83,9% – utiliza estas plataformas para comunicar com os amigos. No caso do uso das redes sociais, como forma de comunicação, com familiares, a percentagem decresce, vertiginosamente, registando-se o valor de 11,5% (OBERCOM, 2012). Pode, ainda, observar-se que as redes sociais, nomeadamente o *Facebook* – que regista uma taxa de utilização de 97,3% - como também os serviços de *instant messaging* são elementos importantes na socialização familiar e extra-familiar entre amigos (OBERCOM, 2012).

Entre as funcionalidades disponíveis, nas redes sociais, as mais utilizadas são o envio de mensagens, com 74,4%, e o serviço de *chat*, com 59,7% (OBERCOM, 2012). Em *sites* desta índole, verifica-se a existência de dois grupos, apresentando o primeiro uma percentagem elevada de utilizadores – 74,0% - revelam que os indivíduos que estes possuem, na sua rede de contatos, são, em larga maioria, amigos ou conhecidos, com os quais contactam ou já contactaram, pessoalmente – grupo de amigos ou conhecidos –, e, um segundo grupo, que contempla os restantes 26,0%, correspondentes à percentagem de utilizadores que estabelecem ou estabeleceram contato com indivíduos, que não conheceram ou conhecem pessoalmente – grupo de novos contatos (OBERCOM, 2012).

Em relação aos motivos que levam os portugueses a aderir às redes sociais, em geral, constata-se que 87,6% dos inquiridos indicam o facto de manter contatos, à distância, como sendo o seu primeiro motivo de adesão. O segundo motivo, com uma percentagem de 84,1% dos respondentes, revela que o facto de existirem pessoas conhecidas, que já aderiram à rede social em questão, leva os que ainda não o fizeram a fazê-lo. Por fim, no âmbito desta dissertação, um outro aspecto que é interessante referir, é o facto de 80,0% dos inquiridos indicar o fortalecimento dos vínculos sociais já existentes, *offline*, como razão da sua escolha, pelas redes sociais (OBERCOM, 2012).

2.3.2. Dados referentes a 2013

Com base nos relatórios trimestrais, publicados pela ANACOM, relativos à adesão aos serviços de telefone fixo, telefone móvel e *internet*, foram compilados alguns dados estatísticos que permitem perceber a penetração destes serviços em Portugal. Os dados apresentados referem-se ao primeiro trimestre de 2013, período em que ocorreu a recolha de dados realizada no âmbito desta dissertação.

Assim, no caso do serviço de telefone fixo (STF), constata-se que, entre janeiro e março, existiam 4,5 milhões de acessos principais, correspondentes a uma taxa de penetração de 43 acessos por 100 habitantes. Destes 4,5 milhões, 3,7 milhões correspondem ao número de clientes, com

acesso direto, ao STF, representando, ao nível dos lares, uma percentagem de 56,3 por 100 alojamentos familiares clássicos (ANACOM, 2013).

Atente-se, agora, nos serviços móveis (SM) e serviço de acesso à *Internet* (SAI).

Verifica-se que existem, em Portugal, 16,7 milhões de estações móveis habilitadas a utilizar este serviço, sendo que 78,3% desse valor – 13,1 milhões – foram utilizadas, em efetivo. Este número decresce, para os 11,9 milhões, excluindo as placas/modem e outros dispositivos (ANACOM, 2013a).

A ANACOM refere que 92,1% da população que reside no nosso país era cliente do SM. A este dado importa acrescentar mais dois, que revelam que a penetração do serviço móvel ascendeu aos 158,4 por 100 habitantes, mas que este número decrescia, no caso das estações móveis, efetivamente, utilizadas para os 124 por 100 habitantes. Estes valores justificam-se pelo facto de os utilizadores possuírem mais do que um cartão (ANACOM, 2013a).

Se excluirmos as placas de acesso à *Internet*, no que concerne às mensagens escritas (SMS), os utilizadores de estações móveis, com utilização efetiva, enviaram 6,6 mil milhões de mensagens, o que resulta numa média mensal de 295, sucedendo que, caso façamos referência ao período de 24 horas, o número que se obtém é de 10 (ANACOM, 2013a).

No caso das mensagens multimédia (MMS) os utilizadores enviaram 39 milhões de mensagens deste tipo. Apesar disto, o número de utilizadores é relativamente baixo, não sendo revelado, no documento consultado. Acrescenta-se, ainda, no que diz respeito às videochamadas que, partilhando do facto de não serem muito frequentes, o número realizado, no trimestre considerado, foi de 374 mil (ANACOM, 2013a).

Torna-se importante referir que a penetração de *smartphones* tem vindo a aumentar, registando um valor de 35,6 por cento (ANACOM, 2013a).

Dentro dos SM e SAI existe um ponto que os une – a banda larga. Assim, observa-se, por exemplo, que, em Portugal, existiam cerca de 2,4 milhões de acessos fixos à *Internet*, o que corresponde a uma percentagem de 98,9 por cento do total de clientes que acedem à *Internet*, desta forma. As principais formas de acesso são ADSL – 44,5 por cento -, modem cabo – 39,4 por cento - e fibra ótica – 15,9 por cento (ANACOM, 2013b).

Ao tomar em consideração a taxa de penetração do serviço de banda larga fixa, em clientes que residem em Portugal, o valor registado era de 50,8 por 100 famílias clássicas, sendo que, por outro lado, o número de estações móveis habilitadas a utilizar este tipo de serviços é de 109,2 por 100 habitantes (ANACOM, 2013b).

No caso da taxa de penetração do SAI, em local fixo, observa-se que esta regista um valor de 23 por 100 habitantes, correspondendo este valor, no caso da ADSL, a 10,2 por 100 habitantes, no caso do *modem*, a 9,0 por 100 habitantes e, por último, no caso de fibra óptica a 3,7 por 100 habitantes (ANACOM, 2013b).

Em relação à banda larga móvel constata-se que existem 11,5 milhões de utilizadores capazes de aceder e utilizar esta tecnologia, que correspondem a 68,9% do total de estações ativas. No entanto, o número sofre um decréscimo, ficando nos 4,3 milhões – 32,9% – sendo este valor indicativo do número de utilizadores efetivos. De salientar, ainda, que 21,7 por cento dos utilizadores – 936 mil –, acedem à Internet através de placas/*modem* (ANACOM, 2013b).

A penetração no caso dos acessos móveis com utilização efetiva é de 33,3 por 100 habitantes, correspondendo 8,9% desse valor, a clientes de banda larga móvel que efetuaram o seu acesso através de placas/*modem* (ANACOM, 2013b).

Atente-se, ainda, que a evolução da banda larga se deve ao aumento, já referido, de portugueses com *smartphone* (ANACOM, 2013b).

PARTE II. ESTUDO: OS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Na segunda parte desta dissertação serão analisados os dados recolhidos e apresentadas as conclusões do estudo.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DAS FAMÍLIAS EM MEIO RURAL E URBANO

Neste capítulo apresentam-se os dados relativos à caracterização geral dos agregados e indivíduos e às comunicações (presenciais e tecnologicamente mediadas) estabelecidas entre o período de 14 a 16 de março. Na secção 3.5 sistematiza-se toda a informação obtida no processo de recolha de dados.

3.1. Caracterização geral dos agregados e indivíduos em estudo

Importa detalhar o perfil dos indivíduos: idade, ocupação, posse e utilização de tecnologias de comunicação, entre outras informações pertinentes. Recorde-se que as instruções de preenchimento figuravam nas grelhas de registo¹²¹³, sendo dignas de apontamento todo o tipo de interações presenciais e mediadas tecnologicamente, realizadas pelos indivíduos no período em análise.

De salientar que se respeita o anonimato dos agregados e indivíduos, pelo que foram criados dois códigos para facilitar o tratamento e apresentação da informação. No caso do “ID”, foi atribuído a cada família uma das quatro primeiras letras do alfabeto, sendo que “A” e “B” correspondem às famílias pertencentes ao meio urbano e “C” e “D” às famílias do meio rural. Foram ainda acrescentados algarismos a estas letras que dizem respeito à ordem de preenchimento, dentro da família. Em relação à tipologia, a letra “P” corresponde ao “pai”/“padrasto”, a letra “M” à “mãe”/“madrasta” e “F” aos filhos. Neste último caso, conforme o número de filhos acrescenta-se um algarismo à letra.

Tabela 2 - Caracterização pessoal dos indivíduos, posse e utilização das tecnologias de comunicação.

	Família 1 (A)				Família 2 (B)				Família 3 (C)			Família 4 (D)				
Meio	Urbano								Rural							
ID	A1	A2	A3	B1	B2	B3	B4	C1	C2	C3	D1	D2	D3	D4		
Tipologia	P	M	F1	P	M	F1	F2	M	P	F1	P	M	F1	F2		
Sexo																
Masculino	X		X	X		X			X		X					
Feminino		X			X		X	X		X		X	X	X		
Idade																
	59	53	20	50	42	18	14	50	45	21	67	67	38	33		
Zona do País																
Lisboa e Vale do Tejo	X	X	X													
Norte				X	X	X	X									
Centro								X	X	X	X	X	X	X		
Concelho																
Barreiro	X	X	X													
Guimarães				X	X	X	X									

¹² Vide in Anexo 2.

¹³ Vide in Anexo 4.

Sever do Vouga			X	X	X						
Pombal						X	X	X	X		
Freguesia ¹⁴											
Lavradio ¹⁵	X	X	X								
Ponte ¹⁶	X	X	X	X							
Rocas do Vouga ¹⁷					X	X	X				
Redinha ¹⁸								X	X	X	X
Nível de Escolaridade											
Até ao 3º Ciclo	X	X		X	X	X		X	X		
Ensino Secundário	X	X		X							
Ensino Superior		X					X			X	X
Situação Profissional											
Estudante		X		X	X		X				X
Empregado	X		X	X		X					
Desempregado										X	
Reformado/outros inativos	X					X		X	X		
Profissão											
Assistente técnico		X									
Controlador de qualidade			X								
Monitora (Def. mental)			X								
Doméstico(a)						X					
Família no estrangeiro											
Sim	X	X	X		X	X	X	X		X	X
Não									X		X
Comunica regularmente (com a família no estrangeiro)											
Sim	X	X	X		X	X	X	X			
Não						X				X	X
Não responde									X		X
De que forma											
Chamada - telefone fixo				X	X	X	X				X
Chamada - telemóvel	X	X		b				X			
Videochamada											
Email		a									
Instant messaging		X					X				
Não responde						X			X	X	X
Possui telefone fixo											
Sim	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Possui telemóvel/smartphone											
Sim	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Possui computador próprio											
Sim	X	X	X		X	X	X			X	X
Não				X			X	X		X	X
Possui tablet											
Sim		X									

¹⁴ **Nota Importante:** De acordo com a TIPAU, referenciada na secção 2.2.3, apenas existe uma freguesia com a classificada de APR (deverendo existir duas). Apesar disto, tendo em conta que a freguesia com classificação de AMU apenas possui mais 117 indivíduos que o limite e tendo também em consideração a natureza desta dissertação, optou-se conscientemente por considerá-la uma freguesia de classificação APR.

¹⁵ À data dos Censos de 2011 a freguesia possuía uma população de 14428 habitantes.

¹⁶ À data dos Censos de 2011 a freguesia possuía uma população de 6610 habitantes.

¹⁷ À data dos Censos de 2011 a freguesia possuía uma população de 1778 habitantes.

¹⁸ À data dos Censos de 2011 a freguesia possuía uma população de 2117 habitantes.

Biblioteca(s)	X			X		X
Cibercafé(s)						
Câmara(s) Munipal(ais)						
CTT						
Wi-Fi PT					c	d
Não acede					X	X
Possui perfil em alguma rede social						
Sim	X	X	X	X	e	X
Não				X	X	
Não responde	X					
Indique em qual(ais) a(s) possui perfil						
Facebook	X	X	X	X	X	X
Twitter			X		X	X
Google+			X		X	X
Hi5					X	
Skype				f		
Ask-Fm				X		
LinkedIn						X
Pinterest						X
Não responde				X	X	X
Possui aplicação no terminal para comunicar						
Sim	X	X	X	X	X	X
Não					X	X
Não sabe						X
Aplicações que possui						
Skype	X	X	X	X	X	X
Viber						
WeChat						
Whatspp						
Outras						
Email	g					
Ask-Fm				h		
Não responde				X	X	X
Utiliza programas de instant messaging						
Sim	X	X	X	X	X	X
Não			X		X	X
Não sabe						
Não responde	X		X			
Programas que possui						
Windows live messenger (msn)	X		X	X	X	X
MIRC						
Chat(s)						X
Chat do Facebook	i					
Realiza chamadas de vídeo						
Sim					X	X
Não	X	X	X	X	X	X
Não responde	X					
Com que frequência						
Diariamente						
Semanalmente						
Mensalmente						

De três em três meses			X	
De seis em seis meses				
Anualmente				
Menos de uma vez por ano				X
Ocasionalmente				X
Costuma enviar <i>emails</i>				
Sim	X	X	X	X X X
Não		X	X X	X X
Com que frequência				
Diariamente	X	X	X	X X
Semanalmente		X		
Mensalmente				
De três em três meses				
De seis em seis meses				
Anualmente				
Menos de uma vez por ano	X		X	
Legenda				

a - Resposta "**email**" considerada inválida, já que apenas deveria ser seleccionada uma opção.

b - Resposta "**chamada-tele móvel**" considerada inválida, já que apenas deveria ser seleccionada uma opção.

c - Resposta "**Wi-Fi PT**" considerada inválida, já que não responde ao questionado - um local.

d - Resposta "**Wi-Fi PT**" considerada inválida, já que não responde ao questionado - um local.

e - Resposta "**sim**" considerada inválida, já que coloca em causa a questão seguinte.

f - Resposta "**Skype**" considerada inválida, já que não responde ao inquirido - uma rede social.

g - Resposta "**email**" considerada inválida, já que serão colocadas, posteriormente, questões que permitem avaliar esta forma de comunicar.

h - Resposta "**Ask-Fm**" considerada inválida, já que não responde ao questionado - uma aplicação.

i - Resposta "**Chat do Facebook**" considerada válida, já que faz referência ao programa de *chat*.

Ao observar a Tabela 2 constata-se que foram analisadas quatro famílias portuguesas, com agregados familiares de 3 e 4 elementos, pertencentes aos meios geográficos em análise – rural e urbano –, apresentando idades compreendidas entre os 14 e os 67 anos, residindo em três zonas do país: Lisboa e Vale do Tejo, Norte e Centro.

No que ao nível de escolaridade diz respeito, o conjunto de indivíduos apresenta 7 elementos que se encontram abrangidos pela categoria “até ao 3º ciclo” representantes, na sua maioria, dos cônjuges, enquanto que, no caso da categoria “ensino superior” o número é de 4, referindo-se aos filhos dos casais.

No que concerne à situação profissional dos indivíduos, atente-se que, existem 5 estudantes e 4 empregados. De assinalar, ainda, que apenas um elemento de uma das famílias se encontra desempregado. Assim, verifica-se que, no que aos elementos que se encontram a estudar diz respeito, dois deles se encontram em mestrado, um deles no último ano de licenciatura e os restantes no oitavo e décimo segundo anos. Já no caso de quem trabalha, verifica-se a existência das profissões de assistente técnico, controlador de qualidade, monitor de indivíduos com *deficit* cognitivo e doméstica.

À exceção de dois indivíduos da família “D” (“P” e “F2”), os 12 restantes possuem família no estrangeiro. Destes, apenas 9 comunicam com regularidade com esses familiares, sendo a principal forma o telefone fixo, seguindo-se o telemóvel e, por fim, programas de *instant messaging* (IM).

No que diz respeito ao telefone fixo, a totalidade de elementos das famílias possui este tipo de dispositivo tecnológico (14 pessoas).

De igual modo, todos os elementos possuem telemóvel/*smartphone*, sendo que o utilizam, na sua maioria em casa (14 pessoas), seguindo-se a casa de familiares/vizinhos/amigos (6 pessoas), o trabalho e a escola/universidade – ambos com 5 pessoas. No caso da “rua” são 4 os indivíduos que assinalam este local, sendo que apenas 2 indicam que utilizam este dispositivo tecnológico em “espaços públicos”.

Observando a posse do computador próprio, constata-se que 5 pessoas não possuem este tipo de equipamento. No entanto, podem interagir com ele noutros ambientes e, também, em casa. Assim, destes 5 elementos, apenas 2 não utilizam computador. Quanto aos restantes e estabelecendo, agora, uma relação com as possibilidades de resposta, constata-se que 12 indivíduos utilizam o computador, em casa, seguindo-se a escola/universidade (4) e, com igual representatividade (3), no trabalho e em casa de familiares/vizinhos/amigos.

Em relação ao *tablet*, apenas um indivíduo o possui, utilizando-o em todos os locais considerados, exceptuando no trabalho, pois é estudante.

No caso do acesso à *Internet*, apenas 2 indivíduos revelam não ter acesso. Os locais onde os utilizadores usufruem deste acesso são, essencialmente, o seu domicílio, a residência de outrem, o local de ensino, como também em bibliotecas e no local de trabalho.

No que diz respeito aos três meios mais utilizados para comunicar, pelos participantes do estudo, constata-se que o meio utilizado mais referido é o telemóvel/*smartphone*, seguindo-se-lhe o computador e, por fim, a *Internet*. Ordenando, agora, as preferências dos utilizadores destas tecnologias, observa-se que, o meio com utilização mais frequente é o telemóvel/*smartphone*, seguindo-se-lhe a *Internet* e o computador.

Apenas 5 elementos não possuem perfil em qualquer rede social. Os restantes 9 possuem perfis em múltiplas redes tendo presença em, pelo menos, uma das redes sociais com maior número de

utilizadores (*Facebook*, *Twitter* e *Google+*). Verifique-se, também, que são mencionadas as redes *Hi5*, *Ask-FM*, *Pinterest* e *LinkedIn*.

Quando questionados se possuíam alguma aplicação (app), em qualquer um dos terminais em análise – computador, telemóvel/*smartphone* e *tablet* – apenas 9 indivíduos responderam “sim”. A aplicação mais comum (sendo a única referenciada) é o *Skype*.

No que diz respeito à utilização de programas de *instant messaging*, metade dos indivíduos revela que os utiliza, sendo o *Windows Live Messenger* (msn) e *chats* as opções mais frequentes, com 5 e 2 elementos, respetivamente.

Apenas 3 indivíduos realizam chamadas de vídeo, embora com reduzida frequência (“três em três meses”, “menos de uma vez por ano” e “ocasionalmente”). Por oposição, 9 pessoas enviam *emails*, 6 das quais diariamente. Existem, no entanto, duas pessoas cuja frequência de envio de *emails* é de menos de uma vez por ano.

3.2. Dados relativos às comunicações (presenciais e tecnologicamente mediadas) no período de 14 a 16 de março de 2013

Os dados seguidamente apresentados foram registados pelos indivíduos, podendo ter existido omissão durante o processo de registo de informações.

Relembre-se que os estudos de caso são constituídos por 14 indivíduos, que se dividem em quatro famílias, pertencendo duas ao meio urbano e duas ao meio rural. Seguidamente apresentam-se e analisam-se as comunicações individuais dos elementos de estudo (Tabelas 3 a 5).

Tabela 3 - Distribuição das interações, segundo o tipo e destinatário.

Tipo de Interação											
Face-a-face						Tecnologicamente mediadas					
Destinatário						Destinatário					
Dia	ID	Membro agregado familiar	Outro familiar	Amigo(a)	Colega trabalho	Outro	Membro agregado familiar	Outro familiar	Amigo(a)	Colega trabalho	Outro
14/03 - 5ªf	A1	2	0	2	0	0	2	1	0	0	0
	A2	5	0	1	15	0	6	0	0	6	0

15/03 - 6 ^{ta}	A3	4	0	4	3	0	1	0	8	0	0
	B1	12	0	0	3	0	2	0	0	0	0
	B2	12	1	0	3	0	3	0	0	0	2
	B3	12	0	2	0	0	3	0	2	0	0
	B4	12	0	2	0	0	3	0	11	0	0
	C1	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0
	C2	0	3	0	0	0	1	1	0	0	0
	C3	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0
	D1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0
	D2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D3	1	0	2	0	1	0	0	2	0	1
	D4	0	1	1	0	1	0	3	1	0	1
	A1	3	2	2	0	0	3	1	1	0	
	A2	1	0	1	9	0	5	0	0	2	0
	A3	2	0	4	4	0	2	0	15	3	1
	B1	8	0	0	3	0	2	0	0	0	0
16/03 - sãb	B2	12	1	0	3	0	3	2	2	0	3
	B3	12	0	2	0	0	3	0	4	0	3
	B4	12	0	2	0	0	3	0	6	0	4
	C1	1	3	0	0	0	0	1	0	0	0
	C2	1	3	0	0	5	2	1	0	0	0
	C3	0	5	1	1	2	1	0	0	0	0
	D1	2	1	0	0	0	0	1	0	0	0
	D2	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0
	D3	1	1	1	0	0	1	0	3	0	1
	D4	1	1	1	0	0	0	2	2	0	1
	A1	4	0	2	0	0	1	1	0	0	0
	A2	4	0	0	0	0	7	0	0	0	0
	A3	1	0	30	0	0	1	0	4	0	0
	B1	8	0	0	0	0	2	0	0	0	0
	B2	8	0	0	0	0	0	3	0	0	3
	B3	8	0	0	0	0	0	0	8	0	0
	B4	8	0	2	0	0	0	0	15	0	0
	C1	2	1	0	0	2	0	0	0	0	0
	C2	2	4	0	0	3	1	0	0	0	0
	C3	4	0	0	0	1	2	1	0	0	1
	D1	2	1	1	0	0	0	1	0	0	0
	D2	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0
	D3	2	1	1	0	0	1	0	1	0	0
	D4	1	1	1	0	0	1	1	1	0	0

Atente-se, agora, nos dados que a Tabela 3 apresenta.

No caso do indivíduo A1 (pai/padrasto), no dia 14 de março, verificam-se 7 interações, sendo que 4 delas foram face-a-face e as restantes mediadas por tecnologia. Destas 7, 4 delas foram entre membros do agregado familiar, 2 entre amigos e 1 entre outro familiar que não pertence ao agregado em estudo. Já no segundo dia (15 de março), o número aumenta para as 12 registando, agora, 7 interações de índole oral e 5 de índole tecnológica. Neste caso, 6 ocorrem com elementos do agregado familiar, 3 com outros familiares e 3 com amigos(as). Por fim, no último dia de análise (16 de março), o número de interações decresce para 8, que se dividem, por sua vez, em 6 e 2, correspondendo, respetivamente, a face-a-face e mediadas por tecnologia. Aqui, 5 são diálogos com membros do agregado familiar, 2 com amigos(as) e 1 com um outro familiar. Em termos totais, este indivíduo interagiu, durante o período de análise, 27 vezes.

Em relação a A2 (mãe/madrasta), observam-se, no primeiro dia, 33 interações, das quais 21 correspondem a interações orais e 12 a interações tecnologicamente mediadas. Destas 33, 21 foram efetuadas com os colegas de trabalho, 11 entre membros do agregado familiar e 1 entre amigos(as). No dia 15 de março foram 18 as comunicações estabelecidas, sendo que 11 correspondem a interações face-a-face e 7 a interações tecnologicamente mediadas. Do conjunto das anteriores 11 acontecem entre colegas de trabalho, 6 entre membros do agregado familiar e 1 entre amigos(as). No terceiro dia, as interações estabelecidas são 11 – 4 face-a-face e as restantes mediadas por tecnologias – observando-se que a totalidade de interações é realizada com membros do agregado familiar. No total, este elemento interagiu 62 vezes.

Atente-se, agora, no sujeito A3 (filho). No primeiro dia (quinta-feira, 14 de março) foram registadas 20 interações, das quais 11 foram face-a-face e 9 tecnologicamente mediadas. Dos números anteriores, vem que 12 foram realizadas com amigos(as), 5 com os membros da família direta e 3 com colegas de trabalho. No dia seguinte (sexta-feira, 15 de março), realizaram-se 31 interações que se subdividem em 21 e 10 – tecnologicamente mediadas e face-a-face, respetivamente. Das referidas 31, 19 são entre amigos(as), 7 entre colegas de trabalho, 4 entre membros do agregado familiar e a restante com outro sujeito. No dia 16 de março (sexta-feira), o indivíduo registou 36 interações que resultam da soma de 31 face-a-face e 5 tecnologicamente mediadas. Assim, foram estabelecidas 34 comunicações entre amigos(as) e 2 entre elementos da família direta. Ao todo foram registadas 87 interações.

O sujeito B1 (pai/padrasto) estabeleceu, na quinta-feira, 17 interações, das quais 15 foram face-a-face e as restantes foram tecnologicamente mediadas. Das 17, 14 foram com elementos do

agregado familiar em análise e 3 com colegas de trabalho. No segundo dia, o número reduz-se para 13, apresentando 11 interações face-a-face e 2 mediadas tecnologicamente. Das referidas, 10 foram com elementos da família direta e 3 com colegas de trabalho. No último dia, registaram-se 10 interações que se subdividem em 8 face-a-face e 2 mediadas tecnologicamente, sendo que a totalidade – 10 – são interações com os elementos do agregado familiar. Em termos totais, este indivíduo, interagiu 40 vezes.

No caso de B2 (mãe/madrasta), no primeiro dia (14 de março), obtiveram-se 21 interações, das quais 16 correspondem ao tipo face-a-face e 5 ao tipo tecnologicamente mediadas. Neste dia, 15 interações foram no âmbito da família direta, 3 com colegas de trabalho, 2 com outros e 1 com outro familiar. Na sexta-feira (15 de março), o número obtido é de 26 – 16 face-a-face e 10 mediadas tecnologicamente – que se agrupam da seguinte forma: 15 interações entre membros do agregado familiar, 3 entre outros familiares, colegas de trabalho e outros destinatários, e 2 amigos(as). No terceiro dia (16 de março) registaram-se 14 interações, das quais 8 foram face-a-face e as restantes mediadas tecnologicamente. As 14 interações referidas obtêm-se através da soma de 8 interações dentro do agregado familiar e 3 com outros familiares e outros indivíduos. O somatório das interações, no período de análise, é de 61.

Em relação a B3 (filho), no primeiro dia, registaram-se 19 interações – 14 face-a-face e 5 tecnologicamente mediadas – das quais 15 dizem respeito aos familiares com os quais o sujeito coabita e as restantes com amigos(as). No dia seguinte, o número sobe para 24, que se subdividem em 14 e 10 interações – face-a-face e mediadas tecnologicamente. Assim, observa-se que 15 continuam a dizer respeito a interações com a família direta, 6 com amigos(as) e 3 com outros indivíduos. No sábado, B3 interage 16 vezes que se dividem em duas partes de oito interações de cada tipo. Com isto, constata-se que 8 interações são no seio familiar direto e as restantes com amigos(as). Ao somar todas as interações deste sujeito obtêm-se o número de 59.

No que diz respeito a B4 (filho), no dia 14 (quinta-feira), foram realizadas 28 interações. De salientar que metade deste valor foram interações face-a-face. Das 28, 15 interações foram entre membros do agregado familiar e 13 entre amigos(as). No segundo dia, o número obtido é de uma interação a menos, sendo que 13 são mediadas por tecnologia. Das 27 interações deste dia, 15 foram com membros do agregado familiar, 8 com amigos(as) e as restantes com outros indivíduos. No terceiro dia registaram-se 25 interações, das quais 15 foram tecnologicamente mediadas. Das referidas 25 interações, 17 foram com amigos(as) e 8 com os restantes elementos do agregado familiar. Observa-se que o número total de interações foi de 80.

Quanto a C1 (mãe/madrasta), no primeiro dia, interagiu 5 vezes, todas pertencentes ao tipo face-a-face – 4 interações foram realizadas com outros familiares e uma com familiares diretos. No dia 15, C1 interagiu 5 vezes, 4 das quais face-a-face. Realizaram-se, então, 4 interações com outros familiares e uma com familiares diretos. No último dia, o indivíduo também interagiu 5 vezes, todas face-a-face. Este número divide-se por duas porções de 2 interações, uma referente aos elementos do agregado familiar e a segunda a outros indivíduos. Existe, ainda, uma interação com outro familiar. No total este elemento interagiu 15 vezes.

Ao observar as interações de C2 (pai/padrasto), constata-se que, no primeiro dia (14 de março), foram realizadas 5, das quais 3 foram face-a-face. Assim, 4 foram interações com outros familiares e uma com a família direta. No segundo dia (15 de março), o número ascende às 12 interações – 9 face-a-face e 3 tecnologicamente mediadas. Das 12, 5 foram efetuadas com outros indivíduos, 4 com outros familiares e 3 com família direta. No dia 16, o número de interações realizadas foi de 10, das quais apenas uma foi tecnologicamente mediada. De todas as interações 4 foram realizadas entre outros familiares e 6 – 3 por destinatário – entre membros do agregado familiar e outros indivíduos. Em termos totais, C2 interagiu 27 vezes.

Atente-se, agora, no caso de C3 (filho). No dia 14 de março, este sujeito interagiu 4 vezes, 3 das quais foram face-a-face. As 4 interações dividem-se, em quatro destinatários, a saber, membro do agregado familiar, amigo(a), colega de trabalho e outro indivíduo. No segundo dia, C3, interagiu 10 vezes, 9 das quais foram face-a-face. Destas 10 interações, 5 foram com outros familiares, 2 com outros indivíduos e as restantes 3 dividem-se por amigo(a), colega de trabalho e membro do agregado familiar. No terceiro dia, o indivíduo em análise interagiu 9 vezes, 4 das quais foram mediadas tecnologicamente. Das 9, 6 foram com o agregado familiar, 2 com outros indivíduos e 1 com outro familiar. Ao todo, C3 interagiu 23 vezes.

O sujeito D1 (pai/padrasto), no primeiro dia (quinta-feira, 14 de março), efetuou 4 interações que se dividem em duas porções de 2. Neste dia, 2 interações foram com membros do agregado familiar e as restantes entre um outro familiar e um amigo(a). No dia 15 de março, D1 manteve-se com 4 interações, sendo que a maioria – 3 – foram face-a-face. Apesar disto a distribuição por destinatário mantém-se igual há do primeiro dia. No último dia (sábado, 16 de março) porém, regista-se o aumento para 5 interações, sendo que apenas uma pertence ao grupo das tecnologicamente mediadas. As interações distribuem-se pelos seguintes destinatários: 2 entre elementos do agregado familiar e 2 entre outros familiares, sendo a restante afecta a um(a) amigo(a). Ao somar todas as interações, durante o período de análise, verifica-se que foram realizadas 13 interações por D1.

No caso de D2 (mãe/madrasta), no primeiro dia, foi efetuada 1 comunicação – face-a-face – com o agregado familiar. No segundo dia, o número sofre um acréscimo, registando-se 3 interações, todas face-a-face. Estas dividem-se por interações com familiar do mesmo agregado, com outro familiar e com amigo(a). No dia 16 de março, o número de interações registado é de 5, dividindo-se por 2 interações com elementos do agregado familiar, 2 com outros familiares e a restante com um(a) amigo(a), todas elas face-a-face. O somatório das interações deste indivíduo é de 9.

Em relação a D3 (filho), na quinta-feira, observa-se que interagiu 7 vezes, das quais 4 foram face-a-face. Das 7, 4 foram com amigos, 2 com outros e a restante com membro do agregado familiar. No segundo dia (sexta-feira, 15 de março), o sujeito registou 8 interações, sendo que 5 foram tecnologicamente mediadas. Neste dia, 4 foram com amigos(as), 2 com elementos da família direta e as restantes com outro familiar e outro indivíduo. No último dia (sábado, 16 de março) de análise observa-se que se realizaram 6 interações, das quais apenas 2 foram tecnologicamente mediadas. Assim, 3 foram com elementos do agregado familiar, 2 com amigos(as) e 1 com outros familiares. A totalidade das interações deste elemento é de 21.

Por fim, atente-se em D4 (filho). Este indivíduo regista, no primeiro dia, 8 interações, das quais 5 são tecnologicamente mediadas. Neste dia, as interações dividem-se pelos seguintes destinatários: 4 com outros familiares, 2 com amigos(as) e 2 com outros indivíduos. Na sexta-feira, apesar da igualdade do número total de interações – 8 –, bem como da forma de interação – 5, tecnologicamente mediadas – existem alterações nos destinatários. Assim, vem que, 3 interações são estabelecidas com outros familiares, como também com amigos(as); das 2 restantes, 1 acontece com um dos membros do agregado familiar e a remanescente com outro indivíduo. No último dia, efetuaram-se 6 interações, divididas de forma equitativa pelos dois tipos de interações disponíveis. Assim, em grupos de 2 interações, os destinatários foram os seguintes: membros do agregado familiar, outros familiares e amigos(as). No total foram realizadas 22 interações.

Em seguida, foi analisada a natureza das interações com o intuito de conhecer os motivos pelos quais se geraram as interações.

Tabela 4 - Dados relativos ao tipo e natureza de interação, por indivíduo e dia de comunicação.

Tipo de Interação	
Face-a-face	Tecnologicamente mediadas
Natureza da interação	Natureza da interação

Dia	ID												
		Interação de Rotina	Socializar	Contato ocasional	Esclarecimento/pedido de ajuda	Urgência	Outro	Interação de Rotina	Socializar	Contato ocasional	Esclarecimento/pedido de ajuda	Urgência	Outro
14/03 - 5ª	A1	2	2	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
	A2	8	1	0	5	4	3	11	0	0	0	0	1
	A3	4	7	0	0	0	0	3	5	0	1	0	0
	B1	5	5	0	5	0	0	1	0	0	1	0	0
	B2	5	5	0	6	0	0	3	1	0	1	0	0
	B3	5	5	0	4	0	0	3	2	0	0	0	0
	B4	5	5	0	4	0	0	3	11	0	0	0	0
	C1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	C2	3	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
	C3	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	D1	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
	D2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D3	1	1	0	0	0	2	1	1	0	0	0	1
	D4	2	0	0	0	0	1	1	1	0	2	0	1
15/03 - 6ª	A1	3	4	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0
	A2	5	0	0	2	0	4	6	1	0	0	0	0
	A3	2	8	0	0	0	0	2	15	1	3	0	0
	B1	5	5	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0
	B2	5	5	0	6	0	0	0	4	0	4	0	2
	B3	5	5	0	4	0	0	0	4	0	3	0	3
	B4	5	5	0	4	0	0	0	10	0	3	0	0
	C1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
	C2	9	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
	C3	9	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	D1	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0
	D2	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	D3	2	0	1	0	0	0	0	1	2	0	2	0
	D4	2	0	1	0	0	0	2	1	0	1	0	1
16/03 - sáb	A1	4	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
	A2	4	0	0	0	0	0	7	0	0	0	0	0
	A3	1	30	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0
	B1	4	4	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0

B2	4	4	0	0	0	0	1	0	0	2	0	3
B3	4	4	0	0	0	0	0	8	0	0	0	0
B4	4	5	1	0	0	0	0	15	0	0	0	0
C1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
C2	9	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
C3	5	0	0	0	0	0	2	0	2	0	0	0
D1	2	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0
D2	2	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
D3	3	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0
D4	3	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0

Observem-se os dados da Tabela 4.

Ao analisar as interações de A1 (pai/padrasto), verifica-se que, no dia 14 de março, são 5 as interações de rotina e 2 as com o intuito de socializar. No dia seguinte, são 7 as interações de rotina e 5 as com objetivo de socializar. No último dia, porém, são 6 as interações de âmbito rotineiro e 2 as que visam socializar.

Verifica-se, no caso de A2 (mãe/madrasta), que este indivíduo, no primeiro dia (quinta-feira, 14 de março), interage 19 vezes de forma rotineira, 5 para esclarecimento/pedido de ajuda, 4 com cariz de urgência, 4 com outras naturezas não especificadas e a restante de forma a socializar. No dia 15 de março, o sujeito interage 11 vezes de forma rotineira, 4 de outras naturezas, 2 para esclarecimento/pedido de ajuda e 1 para socializar. No último dia, A2 interage 7 vezes de forma rotineira.

Atente-se, agora, ao sujeito A3 (filho). No primeiro dia (14 de março), foram 12 as vezes em que o intuito da comunicação era a socialização, 7 as interações rotineiras e a restante esclarecimento/pedido de ajuda. No segundo dia (15 de março) efeturam-se 23 interações com o intuito de socializar, 4 interações de rotina, 3 esclarecimentos/pedidos de ajuda e 1 contato ocasional. No dia 16 de março registaram-se 34 interações no âmbito da socialização e 2 de índole rotineira.

No que concerne a B1 (pai/padrasto), na quinta-feira, são 6 as interações de rotina, como também as que visam os esclarecimentos/pedidos de ajuda. Por fim, no mesmo dia, são 5 as interações com o intuito de socializar. No segundo dia registaram-se 5 interações que resultaram de processos de socialização, como também de processos rotineiros, sendo ainda registadas 3 interações que visavam esclarecimentos/pedidos de ajuda. No último dia, B1 interagiu de acordo

com as seguintes naturezas: 5 interações de rotina, 4 de socialização e 1 por forma a obter um esclarecimento ou para pedir algum tipo de ajuda.

No caso de B2 (mãe/madrasta), no dia que marca o início da recolha de dados, deram-se 8 interações de rotina, 7 nas quais tentou adquirir esclarecimentos ou pedir ajuda e 6 em que o indivíduo socializou. Na sexta-feira foram 10 as interações que visaram o esclarecimento/pedidos de ajuda, 9 com o intuito de socializar, 5 interações de rotina e 2 de outras naturezas. No último dia registaram-se 5 interações de rotina, 4 que visavam a socialização, 3 de outras naturezas e 2 que conduziram a esclarecimentos/pedidos de ajuda.

No que diz respeito a B3 (filho), no primeiro dia (14 de março), realizaram-se 8 interações de rotina, 7 com o objetivo de socializar e 4 no âmbito de esclarecimentos/pedidos de ajuda. No segundo dia (15 de março) as interações dividem-se da seguinte forma: 9 com o intuito de socializar, 7 que visaram esclarecimentos ou pedidos de ajuda, 5 interações de rotina e 3 de outras naturezas não especificadas. No sábado constatou-se que 12 interações foram no âmbito da socialização de B3, verificando-se, também que 4 interações foram rotineiras.

Quanto a B4 (filho), no dia 14, interagiu 18 vezes para socializar, 8 em situações de rotina e 4 vezes em esclarecimentos/pedidos de ajuda. No segundo dia foram registadas, por sua vez, 15 interações nas quais B4 socializou, 7 esclarecimentos/pedidos de ajuda e 5 interações de rotina. No último dia aconteceram 20 interações com o intuito de socializar, 4 interações de rotina e 1 resultante de um contato ocasional.

Em relação a C1 (mãe/madrasta) registou 5 interações de rotina, no primeiro dia (14 de março). No dia 15 foram 4 as interações de rotina e 1 que visou um esclarecimento/pedido de ajuda. Observa-se, ainda, que o último dia (16 de março) é uma réplica do primeiro.

Verifiquem-se, agora, as interações de C2 (pai/padrasto). Este indivíduo, no primeiro dia, interagiu 5 vezes de forma rotineira. Já no segundo dia, as interações foram 12, também de natureza rotineira. Por fim, no dia 16, foram 9 as interações de rotina e 1 de índole ocasional.

Observe-se, agora, C3 (filho). No dia 14 de março realizaram-se 4 interações de rotina. No segundo dia foram 9 as interações de rotina. No último dia, porém, foram registadas 7 interações rotineiras e 2 derivadas de contatos ocasionais.

Atente-se, agora, em D1 (pai/padrasto). No primeiro dia (quinta-feira, 14 de março) foram realizadas 4 interações de rotina. No dia 15 de março, apesar do número total de interações ser o

mesmo – 4 – as mesmas dividiram-se da seguinte forma: 2 de rotina, 1 contato ocasional e 1 esclarecimento/pedido de ajuda. No terceiro dia (sábado, 16 de março) verificaram-se 3 interações de rotina, 1 contato ocasional e 1 esclarecimento/pedido de ajuda.

No que concerne a D2 (mãe/madrasta), tendo por base de observação o primeiro dia, constata-se que apenas se registou 1 interação de rotina. No segundo dia observaram-se 2 interações de rotina e 1 esclarecimento/pedido de ajuda. No dia 16 de março, porém, D2 interagiu 2 vezes de forma rotineira, 2 que visavam a socialização e 1 esclarecimento/pedido de ajuda.

No caso de D3 (filho), na quinta-feira, verifica-se que o sujeito interagiu 3 vezes com base em outras naturezas não contempladas e 2 vezes tanto em interações de rotina, como também para socializar. No segundo dia foram efetuadas 3 interações ocasionais, 2 com cariz de urgência, 2 de rotina e 1 para socializar. No último dia ocorreram 4 interações rotineiras, 1 esclarecimento/pedido de ajuda e 1 interação para socializar.

No que diz respeito a D4 (filho), no primeiro dia (14 de março), constata-se que se efetuaram 3 interações de rotina, 2 esclarecimentos/pedidos de ajuda, 2 interações de outras naturezas e 1 para socializar. Na sexta-feira observaram-se 4 interações de rotina, 1 para socializar, 1 contato ocasional, 1 esclarecimento/pedido de ajuda e 1 outra interação. No último dia (16 de março) constatarem-se 4 interações de índole rotineira, 1 com o intuito de socializar e a restante resultando de um contato ocasional.

Em seguida (Tabela 5), foram analisados os tipos de meios e formas de contato utilizados pelos indivíduos, quando da realização das suas comunicações.

Tabela 5 - Meio de interação e forma de contato, por indivíduo e por dia de comunicação.

Tipo de Interação														
Face-a-face					Tecnologicamente mediadas									
Tipo de Meio														
Presencial		Telefone fixo	Telemóvel/smartphone						Computador					
Forma de contato														
Dia	ID	Forma oral	Chamada	Mensagem	Chamada	Mensagem	Email	Rede social, através de chat/comentário	Aplicação/instant messaging, através de chat	Chamada	Mensagem	Email	Rede social, através de chat/comentário	Aplicação/instant messaging, através de chat
03	A1	4	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0

	A2	21	3	0	4	1	0	0	0	0	0	2	2	0
	A3	11	0	0	1	4	0	0	0	0	0	2	2	0
	B1	15	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	B2	16	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	2	0
	B3	14	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	1	1
	B4	14	0	0	2	5	0	0	0	0	0	0	3	4
	C1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	C2	3	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	C3	3	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D1	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D3	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0
	D4	3	1	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	0
15/03 - 6ª	A1	7	1	0	0	3	0	0	0	0	0	1	0	0
	A2	11	4	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	A3	10	0	0	4	12	0	0	0	0	0	1	4	0
	B1	11	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	B2	16	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	6	0
	B3	14	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	7	0
	B4	14	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	8	2
	C1	4	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	C2	9	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	C3	9	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D1	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D3	3	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	1	1
	D4	3	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2	1	0
16/03 - sáb	A1	6	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	A2	4	0	0	4	0	0	0	0	0	0	1	2	0
	A3	31	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0
	B1	8	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	B2	8	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	3	0
	B3	8	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3	3
	B4	10	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	6	3
	C1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	C2	9	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	C3	5	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0
	D1	4	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	D3	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
	D4	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0

Ao verificar os dados da Tabela 5, A1 (pai/padrasto), no dia 14 de março, interage 4 vezes face-a-face. De acrescentar que ainda são efetuadas 3 interações, por este indivíduo, que se dividem da seguinte forma: 1 chamada, através de telefone fixo e 2 mensagens através do

telemóvel/*smartphone*. No segundo dia realizaram-se 7 interações de forma oral, 1 chamada, através do telefone fixo, 3 mensagens enviadas através do telemóvel/*smartphone* e 1 *email*, através do computador. No terceiro dia observaram-se 6 interações orais, 1 chamada – via telefone – e 1 mensagem, através de telemóvel/*smartphone*.

Quanto a A2 (mãe/madrasta) constata-se que, no primeiro dia, foram 21 as interações pela via oral. Em relação às restantes, 7 foram chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 1 mensagem enviada através do telemóvel/*smartphone*, 2 *emails* e 2 contatos, por computador, através de *chats/comentários*, nas redes sociais. No dia 15 de março, A2 interage, através da forma oral, 11 vezes. No mesmo dia registam-se 6 chamadas, das quais 2 são por telemóvel/*smartphone*. Observa-se, ainda, a existência de 1 mensagem enviada através do meio referido anteriormente. No terceiro dia foram 4 as interações face-a-face e 7 as tecnologicamente mediadas. Destas, 4 foram chamadas através de telemóvel/*smartphone*, 2 contatos estabelecidos através do *chat/comentário* de uma rede social e 1 *email* – ambos estabelecidos por computador.

Atente-se, agora, a A3 (filho). No primeiro dia aconteceram 11 interações face-a-face. Das tecnologicamente mediadas, 4 foram mensagens e 1 chamada – através de telemóvel/*smartphone* – e, no caso do computador, foram 2 *emails* e 2 contatos estabelecidos através de *chat/comentário* em redes sociais. No segundo dia observaram-se 10 interações de forma oral – face-a-face. Das mediadas por tecnologia efetuaram-se 12 mensagens e 4 chamadas – por telemóvel/*smartphone* –, 4 interações relacionadas com as redes sociais e 1 mensagem – ambas através de computador. No dia 16 de março verificaram-se 31 interações face-a-face, sucedendo que, por outro lado, são enviadas 3 mensagens e realizadas 2 chamadas, por telemóvel/*smartphone*.

No que concerne a B1 (pai/padrasto), na quinta-feira (14 de março), verificaram-se 15 interações face-a-face. Das 2 mediadas tecnologicamente observa-se que foram chamadas efetuadas através de telemóvel/*smartphone*. No segundo dia (15 de março) de análise, o sujeito interagiu 11 vezes face-a-face. No caso das mediadas tecnologicamente repete-se o cenário descrito no primeiro dia. No último dia (16 de março) observaram-se 8 interações face-a-face e 2 tecnologicamente mediadas – 1 chamada e 1 mensagem, por via telefónica.

No caso de B2 (mãe/madrasta), no primeiro dia, o indivíduo regista 16 interações face-a-face e 5 mediadas tecnologicamente. Destas 5, 3 são chamadas efetuadas através de telefone/*smartphone* e 2 são mensagens enviadas nas redes sociais, por computador. Na sexta-feira aconteceram 16 interações face-a-face. Das 10 tecnologicamente mediadas, 3 foram chamadas efetuadas por telemóvel/*smartphone*, 6 contatos efetuados através das redes sociais e 1 *email*, ambos por

computador. No último dia de análise registaram-se 6 comunicações tecnologicamente mediadas, dividindo-se da seguinte forma: 3 chamadas efetuadas através de telemóvel/*smartphone* e 3 contatos estabelecidos, por computador, através das redes sociais. De salientar, ainda, que foram 8 as interações face-a-face realizadas neste dia.

No que diz respeito a B3 (filho) são 14 as comunicações face-a-face estabelecidas, no primeiro dia. Neste mesmo período foram ainda contabilizadas 2 chamadas e 1 mensagem escrita, através de telemóvel/*smartphone* e 2 contatos – um em cada – através das redes sociais e serviços de *instant messaging* – por computador. No segundo dia, o sujeito regista o mesmo número de interações face-a-face. No entanto, no caso das tecnologicamente mediadas, registam-se algumas alterações, tanto a nível do número de chamadas – que passa a 3 – por telemóvel/*smartphone* e, ao nível do computador, todos os contatos estabelecidos – 7 – são através das redes sociais. No sábado, porém, o número das interações face-a-face registado é de 8. Quanto às mediadas tecnologicamente, estas dividem-se da seguinte forma: 2 chamadas, por telemóvel/*smartphone*, e 6 interações através de computador, pertencendo 3 às redes sociais e 3 a serviços de *instant messaging*.

Quanto a B4 (filho), no dia 14, registou 14 interações em ambos os tipos. Assim, no que ao segundo tipo diz respeito, foram enviadas 5 mensagens e realizadas 2 chamadas – através do telemóvel/*smartphone* – e estabelecidas 7 comunicações, através do computador, a saber, 4 através de *instant messaging* e 3 através das redes sociais. No segundo dia são 13 as interações mediadas por tecnologia, resultantes de 3 chamadas – via telemóvel/*smartphone* – 8 contatos através das redes sociais e 2 através de serviços de *instant messaging* – via computador. No último dia de análise são 15 as interações mediadas tecnologicamente. Destas, 6 são mensagens enviadas – por telemóvel/*smartphone* – e 9, mediadas por computador, correspondem a 6 contatos através das redes sociais e os restantes através de serviços de *instant messaging*. De referir que são 10 as interações face-a-face.

Em relação a C1 (mãe/madrasta), no primeiro dia (quinta-feira, 14 de março), não se registaram comunicações mediadas tecnologicamente – as 5 que existiram foram do outro tipo. No dia 15, o cenário altera-se, já que se verificou a ocorrência de 1 chamada, através de telefone fixo. No último dia (sábado, 16 de março) volta a registar-se o cenário descrito no primeiro dia.

Verifique-se, agora, C2 (pai/padrasto). Este indivíduo, no primeiro dia, regista 3 interações face-a-face e 2, mediadas por tecnologia, referentes a 2 chamadas efetuadas através do telemóvel/*smartphone*. No segundo dia observaram-se 9 interações do primeiro tipo e 3 do

segundo – chamadas, por telemóvel/*smartphone*. No dia 16, das 10 interações registadas, apenas 1 é mediada por tecnologia, sucedendo que é uma mensagem enviada por telemóvel/*smartphone*.

Observe-se, agora, C3 (filho). Este elemento, no dia 14 de março, registou 3 interações face-a-face e a única tecnologicamente mediada, que foi assinalada, diz respeito a uma chamada – por telemóvel/*smartphone*. No dia seguinte, o número de interações que se assinala é de 9 face-a-face e, novamente, 1 mediada tecnologicamente – igual à do dia anterior. No último dia, C3 interage 5 vezes face-a-face e as restantes 4 realizaram-se das seguintes formas: 2 chamadas e 2 mensagens escritas, através de telemóvel/*smartphone*.

Atente-se em D1 (pai/padrasto). O sujeito em questão, das 4 interações que realiza, no primeiro dia, 2 delas são chamadas efetuadas através do telefone fixo. No dia 15 de março, o cenário é idêntico, no entanto, é apenas realizada 1 chamada telefónica. No último dia, D1 mantém a chamada telefónica realizada, mas interage face-a-face 4 vezes.

No que concerne a D2 (mãe/madrasta), no primeiro dia, é apenas registada 1 interação face-a-face. No segundo dia dão-se 3 interações face-a-face. No dia 16 de março, porém, registam-se 5 interações do mesmo tipo, anteriormente mencionado.

No caso de D3 (filho), na quinta-feira, são realizadas 4 comunicações face-a-face. Das 3 restantes – mediadas tecnologicamente – 2 são *emails* e 1 acontece através das redes sociais – ambas as interações referidas ocorrem através do computador. No segundo dia apresentam-se 5 interações tecnologicamente mediadas, das quais 2 – 1 chamada e uma interação através das redes sociais – são efetuadas através de telemóvel/*smartphone* e 3 – 1 *email*, 1 interação através das redes sociais e a restante através de programas de *instant messaging* – através de computador. No último dia registam-se 4 interações face-a-face e 2 tecnologicamente mediadas, através de computador – 1 *email* e 1 contato via redes sociais.

No que diz respeito a D4, no primeiro dia, existem 7 interações mediadas tecnologicamente, que se dividem da seguinte forma: 1 chamada – através de telefone fixo -, 2 *emails*, 1 mensagem e 1 contato através das redes sociais – por computador. As 3 restantes são interações do tipo face-a-face. Na sexta-feira, o número de interações face-a-face mantém-se, da mesma forma que se mantêm o contato telefónico, os *emails* e o contato através da rede social. A alteração a assinalar é que é enviada 1 mensagem, via telefone/*smartphone*. Por fim, no último dia, tornam a manter-se as interações face-a-face – 3 – e o contato telefónico. De assinalar as 2 interações, através do computador, nas redes sociais.

No primeiro dia aconteceram 85 interações, que se dividem em 59 face-a-face e as restantes mediadas por tecnologia. De todas as interações, 59 foram com membros do agregado familiar, 17 com amigos, 6 com colegas de trabalho, 2 com outros indivíduos e 1 com outro familiar. No dia 15 de março, porém, o número de interações registado é de 90 – 55 face-a-face e 35 mediadas tecnologicamente. As interações dividem-se da forma seguinte: 55 entre membros do agregado familiar, 16 entre amigos, 10 com outros indivíduos, 6 com colegas de trabalho e 3 com outros familiares. No último dia observaram-se 65 interações – 34 e 31. Das 65, 34 foram com membros do agregado familiar, 25 com amigos(as) e 3, tanto entre outros familiares, como também entre outros indivíduos. Em termos totais, esta família interagiu 240 vezes.

Comece-se, em seguida, por observar os números das interações da família C, residente na freguesia de Rocas do Vouga.

No primeiro dia (quinta-feira, 14 de março) registaram-se 14 interações, das quais 11 foram face-a-face e 3 tecnologicamente mediadas. Do total de interações, verifica-se que 8 são entre outros familiares, 3 entre membros do agregado familiar e as restantes dizem respeito a amigo(a), colega de trabalho e outro indivíduo. No segundo dia (sexta-feira, 15 de março) observa-se a existência de 27 interações – 22 e 5. No que diz respeito à sua distribuição, por destinatário, constata-se que 13 são entre outros familiares, 7 com outros indivíduos, 5 com membros do agregado familiar e as 2 restantes entre amigo(a) e colega de trabalho. No dia 16 de março deram-se 24 interações, das quais 19 foram face-a-face e 5 mediadas tecnologicamente. Das 24 interações, 11 foram entre membros do agregado familiar, 7 com outros indivíduos e 6 com outros familiares. Ao todo, esta família registou 65 interações.

Atente-se, agora, no caso da última família – D –, residente na freguesia da Redinha.

Na quinta-feira foram 20 as interações realizadas, sendo que metade foram face-a-face. Neste dia, 7 foram entre amigos(as), 5 com outros familiares, e 4, tanto com membros do agregado familiar, como também com outros indivíduos. No segundo dia existiram 23 interações. Das 23, 8 foram entre amigos(as), 7 com outro familiar, 6 com membros do agregado familiar e as restantes com outros indivíduos. No último dia sucederam 22 interações, das quais apenas 6 foram mediadas por tecnologia. Neste dia foram 9 as interações com membros do agregado familiar, 7 com outros familiares e 6 com amigos(as). Ao somar as interações da família D constata-se que, durante o período de análise, se registaram 65 interações.

Em seguida (Tabela 7), foram analisadas as múltiplas naturezas de interação, por forma a saber, como o próprio nome indica, com que intuito se relacionavam as famílias.

Tabela 7 - Dados relativos ao tipo de interação e natureza de interação, por família e dia de comunicação.

Tipo de Interação													
Face-a-face							Tecnologicamente mediadas						
Natureza da interação							Natureza da interação						
Dia	ID	Interação de Rotina	Socializar	Contato ocasional	Esclarecimento/pedido de ajuda	Urgência	Outro	Interação de Rotina	Socializar	Contato ocasional	Esclarecimento/pedido de ajuda	Urgência	Outro
14/03 - 5ªf	A	14	10	0	5	4	3	17	5	0	1	0	1
	B	20	20	0	19	0	0	10	14	0	2	0	0
	C	11	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
	D	6	1	0	0	0	3	4	2	0	2	0	2
15/03 - 6ªf	A	10	12	0	2	0	4	12	17	1	3	0	0
	B	20	20	0	15	0	0	0	18	0	12	0	5
	C	22	0	0	0	0	0	4	0	0	1	0	0
	D	7	0	3	2	0	0	3	2	2	1	2	1
16/03 - sâb	A	9	32	0	0	0	0	10	4	0	0	0	0
	B	16	17	1	0	0	0	2	23	0	3	0	3
	C	19	0	0	0	0	0	2	0	3	0	0	0
	D	10	2	1	3	0	0	3	2	1	0	0	0

No que concerne à família A, residente no Lavradio, verifica-se que, no dia 14 de março, foram 31 as interações de rotina, 15 as com o intuito de socializar, 6 os esclarecimentos/pedidos de ajuda e 4 tanto as interações com cariz de urgência, como também as de outras naturezas. No segundo dia registaram-se 29 interações que visavam a socialização, 22 interações rotineiras, 5 esclarecimentos/pedidos de ajuda, 4 de outras naturezas e 1 contato ocasional. No terceiro dia realizaram-se 36 interações com o intuito de socializar e 19 interações de rotina.

No caso da família de Ponte (B), no primeiro dia (14 de março), ocorreram 34 interações para socializar, 30 rotineiras e 21 esclarecimentos/pedidos de ajuda. No dia 15 de março foram 38 as interações por forma a socializar, 27 os esclarecimentos/pedidos de ajuda, 20 as interações de rotina e 5 as de outras naturezas não especificadas. No último dia (16 de março), 40 interações foram com o intuito de socializar, 18 foram por situações rotineiras, 3, tanto em esclarecimentos/pedidos de ajuda e outras naturezas, restando 1 contato ocasional.

No que diz respeito à família C, residente em Rocas do Vouga, no primeiro dia, verificaram-se 14 interações de rotina. No segundo dia registaram-se 26 interações rotineiras e 1 esclarecimento/pedido de ajuda. No dia 16 de março, porém, realizaram-se 21 interações de rotina e 3 contatos ocasionais.

Quanto à família da Redinha (D), na quinta-feira, registaram-se 10 interações de rotina, 5 de outras naturezas não especificadas, 3 com o intuito de socializar e 2 esclarecimentos/pedidos de ajuda. No dia seguinte mantiveram-se as 10 interações de rotina, sucedendo alterações nas demais naturezas de interação. Assim, constata-se que se realizaram 5 contatos ocasionais, 3 esclarecimentos/pedidos de ajuda, 2 interações, tanto com o intuito de socializar, como também com cariz de urgência, registando-se, for fim, 1 interação de outra natureza. No último dia de análise, a família D interage 13 vezes de forma rotineira, 4 com o intuito de socializar, 3 por forma a obter esclarecimentos ou pedir ajuda e 2 contatos ocasionais.

Em seguida (Tabela 8), foram analisados os tipos de meios e formas de contato utilizados pelos indivíduos, aquando da realização das suas interações.

Tabela 8 - Dados relativos ao tipo de interação e natureza de interação, por família e dia de comunicação.

		Tipo de Interação													
		Face-a-face		Tecnologicamente mediadas											
		Tipo de Meio													
		Presencial	Telefone fixo	Telemóvel/smartphone						Computador					
		Forma de contato													
Dia	ID	Forma oral	Chamada	Mensagem	Chamada	Mensagem	Email	Rede social, através de chat/comentário	Aplicação/instant messaging, através de chat	Chamada	Mensagem	Email	Rede social, através de chat/comentário	Aplicação/instant messaging, através de chat	
14/03 - 5ªf	A	36	4	0	5	7	0	0	0	0	0	4	4	0	
	B	59	0	0	9	6	0	0	0	0	0	0	6	5	
	C	11	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	D	10	3	0	0	0	0	0	0	0	1	4	2	0	
15/03 - 6ªf	A	28	5	0	6	16	0	0	0	0	0	2	4	0	
	B	55	0	0	11	0	0	0	0	0	0	1	21	2	
	C	22	1	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	D	12	2	0	1	1	0	1	0	0	0	3	2	1	
16/03 - sáb	A	41	1	0	6	4	0	0	0	0	0	1	2	0	
	B	34	1	1	5	6	0	0	0	0	0	0	12	6	
	C	19	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	
	D	16	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	

Em relação à família A, residente no Lavradio, no dia 14 de março, foram 36 as interações pela forma oral. Em relação às demais, 9 foram chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 7 mensagens enviadas através do telemóvel/*smartphone*, 4 *emails* e 4 contatos, por computador, através de *chats*/comentários, nas redes sociais. No segundo dia, A interage facialmente 28 vezes. Neste dia registam-se, ainda, 11 chamadas, das quais 6 são por telemóvel/*smartphone*, 16

mensagens – através do mesmo meio –, 4 contatos através de *chats/comentários*, nas redes sociais e 4 *emails*, por computador. No último dia observaram-se 41 interações face-a-face, sendo que as tecnologicamente mediadas se dividem da seguinte forma: 7 chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 4 mensagens enviadas através do telemóvel/*smartphone*, 1 *email* e 2 contatos, por computador, através de *chats/comentários*, nas redes sociais.

Verifiquem-se, agora, as interações da família de Ponte (B).

Existiram, no primeiro dia (14 de março), 59 interações face-a-face, dividindo-se as restantes 26 da seguinte forma: 9 foram chamadas através de telemóvel/*smartphone*, 6 mensagens – através do mesmo meio –, 6 contatos, através de *chats/comentários*, nas redes sociais e 5 que se referem a serviços de *instant messaging*, por computador. No dia 15 de março, são 55 as interações face-a-face e 35 as mediadas por tecnologia. Deste número, 11 são chamadas através do telemóvel/*smartphone* e, por via do computador, 1 *email*, 2 contatos por meio de serviços de *instant messaging* e 21 contatos nas redes sociais. No último dia (16 de março), além dos 34 contatos face-a-face, registaram-se 6 chamadas e 7 mensagens através do telefone e telemóvel/*smartphone*, e, via computador, 12 contatos através das redes sociais e 6 através de aplicações de *instant messaging*.

Observem-se, agora, as interações da família C, residente em Rocas do Vouga.

No primeiro dia, além das 11 interações face-a-face, foram efetuadas 3 chamadas por telemóvel/*smartphone*. No segundo dia foram 22 as interações face-a-face e 5 as tecnologicamente mediadas, que se dividem em: 5 chamadas, das quais 4 foram através de por telemóvel/*smartphone*. No dia 16 de março, das 5 interações tecnologicamente mediadas, 2 são chamadas e 3 são mensagens que tiveram a sua origem no telemóvel/*smartphone*.

Comece-se, agora, por verificar as comunicações da família da Redinha (D).

Na quinta-feira (14 de março) registaram-se 10 interações face-a-face e 10 mediadas por tecnologia. Das últimas, 3 foram chamadas via telefónica, 4 *emails*, 2 contatos, através de redes sociais, e 1 mensagem, por meio de computador. No segundo dia (15 de março), porém, são 12 as interações face-a-face. No que diz respeito às mediadas por tecnologia, 3 são chamadas efetuadas através do telefone fixo e telemóvel/*smartphone*, 1 mensagem e 1 contato através das redes sociais, efetuados através do telemóvel/*smartphone*, e 3 *emails*, 2 contatos através de redes sociais e 1 através de *instant messaging*, por computador. No último dia (16 de março) registaram-se 16 interações face-a-face, sendo que as restantes 6 se dividem por: 2 chamadas, via telefone fixo, 1 *email* e 3 contatos através das redes sociais, via computador.

3.4. Análise, por meio geográfico

Nas Tabelas 9 a 11 apresentam-se dados onde os indivíduos estão agrupados segundo os meios geográficos aos quais pertencem.

A análise, por meio geográfico, é essencial para se compreender, de uma forma mais geral, como interagem as famílias residentes nesses meios.

Tabela 9 - Dados relativos ao tipo de interação e destinatário, por meio geográfico e dia de comunicação

Tipo de Interação											
		Face-a-face				Tecnologicamente mediadas					
		Destinatário				Destinatário					
Dia	ID	Membro agregado familiar	Outro familiar	Amigo(a)	Colega trabalho	Outro	Membro agregado familiar	Outro familiar	Amigo(a)	Colega trabalho	Outro
14/03 - 5ª	Meio Urbano	59	1	11	24	0	20	1	21	6	2
	Meio Rural	4	8	5	1	3	3	5	3	0	2
15/03 - 6ª	Meio Urbano	50	3	11	19	0	21	3	28	5	11
	Meio Rural	7	15	4	1	7	4	5	5	0	2
16/03 - são	Meio Urbano	41	0	34	0	0	11	4	27	0	3
	Meio Rural	15	10	4	0	6	5	3	2	0	1

Com base na Tabela 9, observe-se o meio urbano.

No dia 14 de março registaram-se 145 interações, das quais 95 foram do tipo face-a-face e 50 mediadas tecnologicamente. Das 145 interações, 79 foram com membros do agregado familiar, 32 com amigos(as), 30 com colegas de trabalho, e 2, tanto com outros familiares, como também com outros indivíduos. No segundo dia são observadas 151 interações – 83 e 68. As interações estabelecidas dividem-se da seguinte forma: 71 com membros do agregado familiar, 39 com amigos(as), 24 entre colegas de trabalho, 11 com outros indivíduos e 6 com outros familiares. No terceiro dia aconteceram 120 interações, das quais 75 foram face-a-face e 45 tecnologicamente mediadas. Neste dia as interações apresentaram-se da seguinte forma: 61 entre amigos(as), 52 entre membros do agregado familiar, 4 com outros familiares e 3 com outros indivíduos. No total, as interações realizadas pelas famílias, pertencentes a este meio, foram 416.

Atente-se ao meio rural. No primeiro dia aconteceram 34 interações, das quais 21 foram face-a-face. Das 34 interações, 13 foram com outros familiares, 8 com amigos(as), 7 com membros do agregado familiar, 5 com outros indivíduos e 1 com colega de trabalho. No dia 15 de março, das

50 interações, 34 são face-a-face e 16 mediadas por tecnologia. De todas, registaram-se 20 interações com outro familiar, 11 com membros do agregado familiar, 9, tanto com amigos(as), como com outros indivíduos e 1 com colega de trabalho. No último dia do estudo, das 46 interações – 35 face-a-face e 11 mediadas tecnologicamente – 20 são com membros do agregado familiar, 13 são com outros familiares, 7 com outros indivíduos e 6 com amigos(as). Em termos totais, no meio rural, registaram-se 130 interações.

Em seguida, foram analisadas as múltiplas naturezas de interação (Tabela 10), por forma a verificar com que intuito se relacionaram as famílias, nos meios geográficos.

Tabela 10 - Dados relativos ao tipo e natureza de interação, por meio geográfico e dia de comunicação.

Tipo de Interação													
Face-a-face							Tecnologicamente mediadas						
Natureza da interação							Natureza da interação						
Dia	ID	Interação de Rotina	Socializar	Contato ocasional	Esclarecimento/pedido de ajuda	Urgência	Outro	Interação de Rotina	Socializar	Contato ocasional	Esclarecimento/pedido de ajuda	Urgência	Outro
14/03 - 5ª	Meio Urbano	34	30	0	24	4	3	27	19	0	3	0	1
	Meio Rural	17	1	0	0	0	3	7	2	0	2	0	2
15/03 - 6ª	Meio Urbano	30	32	0	17	0	4	12	35	1	15	0	5
	Meio Rural	29	0	3	2	0	0	7	2	2	2	2	1
16/03 - são	Meio Urbano	25	49	1	0	0	0	12	27	0	3	0	3
	Meio Rural	29	2	1	3	0	0	5	2	4	0	0	0

No caso do meio urbano, no dia 14 de março, foram 61 as interações de rotina, 49 as interações com o intuito de socializar, 27 os esclarecimentos/pedidos de ajuda e 4 tanto as interações com cariz de urgência, como também as de outras naturezas. No segundo dia registaram-se 67 interações que visavam a socialização, 42 interações rotineiras, 32 esclarecimentos/pedidos de ajuda, 9 de outras naturezas e 1 contato ocasional. No terceiro dia realizaram-se 76 interações com o intuito de socializar, 37 interações de rotina, 6 – 3 de cada – esclarecimentos/pedidos de ajuda e contatos com outros indivíduos, registando-se, ainda, 1 interação ocasional.

Em relação ao meio rural, no primeiro dia, observaram-se 24 interações de rotina, 5 com outros indivíduos, 3 com intuito de socializar e 2 esclarecimentos/pedidos de ajuda. No dia 15 de março

sucederam-se 36 interações rotineiras, 5 contatos ocasionais, 4 esclarecimentos/pedidos de ajuda, 2 contatos, tanto para socializar, como de cariz de urgência e 1 contato de natureza não especificada. No último dia de estudo registaram-se 34 interações de rotina, 5 contatos ocasionais, 4 com o intuito de socializar e 3 esclarecimentos/pedidos de ajuda.

Em seguida (Tabela 11), foram analisados os tipos de meios e formas de contato utilizados nos meios geográficos, quando da realização das suas interações.

Tabela 11 - Dados relativos ao tipo de interação e natureza de interação, por meio geográfico e dia de comunicação.

		Tipo de Interação												
		Face-a-face					Tecnologicamente mediadas							
		Tipo de Meio												
		Presencial		Telefone fixo	Telemóvel/smartphone					Computador				
		Forma de contato												
Dia	ID	Forma oral	Chamada	Mensagem	Chamada	Mensagem	Email	Rede social, através de chat/comentário	Aplicação/instant messaging, através de chat	Chamada	Mensagem	Email	Rede social, através de chat/comentário	Aplicação/instant messaging, através de chat
14/03 - 5ªf	Meio Urbano	95	4	0	14	13	0	0	0	0	0	4	10	5
	Meio Rural	21	3	0	3	0	0	0	0	0	1	4	2	0
15/03 - 6ªf	Meio Urbano	83	5	0	17	16	0	0	0	0	0	3	25	2
	Meio Rural	34	3	0	5	1	0	1	0	0	0	3	2	1
16/03 - sáb	Meio Urbano	75	2	1	11	10	0	0	0	0	0	1	14	6
	Meio Rural	35	2	0	2	3	0	0	0	0	0	1	3	0

No caso do meio urbano, no dia 14 de março, foram 95 as interações pela forma oral. Em relação às restantes, 18 foram chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 13 mensagens enviadas através do telemóvel/*smartphone*, 4 *emails*, 10 contatos, através de *chats*/comentários, nas redes sociais e 5 interações através de programas de *instant messaging*, por computador. No segundo dia, registam-se 83 interações faciais e 68 tecnologicamente mediadas, que se dividem da seguinte forma: 22 chamadas, das quais 17 são por telemóvel/*smartphone*, 16 mensagens – através do mesmo meio –, 25 contatos através de *chats*/comentários, nas redes sociais, 3 *emails* e 2 contatos através de *instant messaging*, por computador.

No último dia observaram-se 75 interações face-a-face, sendo que as tecnologicamente mediadas se dividem da seguinte forma: 13 chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 11 mensagens enviadas através dos mesmos meios referidos, anteriormente, 1 *email*, 14 contatos,

através de *chats/comentários*, nas redes sociais e 6 contatos estabelecidos através de programas de *instant messaging*, por computador.

Quanto ao meio rural, no primeiro dia, verificaram-se 21 interações de forma oral, sendo que, no que diz respeito às tecnologicamente mediadas, 6 foram chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 4 foram *emails*, 2 foram interações, através de redes sociais e 1 foi uma mensagem, todos utilizando o computador. No dia 15 de março, registaram-se 34 interações face-a-face e 16 mediadas tecnologicamente. Das 16, 8 foram chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 1 mensagem enviada – via telemóvel/*smartphone*, 1 interação através das redes sociais, via último meio referido, 3 *emails*, 2 contatos, através de *chats/comentários*, nas redes sociais e 1 contato estabelecidos através de programas de *instant messaging*, por computador. No terceiro dia aconteceram 35 interações face-a-face e 11 mediadas tecnologicamente, das quais 4 foram chamadas através do telefone e telemóvel/*smartphone*, 3 foram mensagens enviadas via telemóvel/*smartphone* e 1 *email*, como também, 3 contatos através das redes sociais, por computador.

3.5. Sistematização dos dados obtidos

Com base nos dados apresentados neste capítulo sistematiza-se agora a informação relevante, quanto à forma como comunicam os indivíduos e as famílias estudadas, nos distintos ambientes geográficos.

Qual o dia no qual se efetuam mais comunicações? E menos?

Com base nos dados presentes nas Tabelas 3, 6 e 9 verifica-se que o dia em que existiu maior número de interações foi o dia 15 de março, sexta-feira (201) e o dia em que se comunicou menos foi o dia 14 de março, quinta-feira (166).

Quem comunica mais? E menos? O elemento que mais comunica é A3 (filho, 20 anos de idade, estudante, residente na freguesia do Lavradio) registando 87 interações e o que menos comunica é D2 (mãe, 67 anos de idade, reformada/outros inativos, residente na freguesia da Redinha) registando 9 interações; a família que mais comunica é B (família de quatro elementos, residente na freguesia de Ponte) registando 240 interações e as que menos comunicam C (família de três elementos, residente na freguesia de Rocas do Vouga) e D (família de quatro elementos, residente na freguesia da Redinha) registando 65 interações cada; o meio que mais comunica é o meio urbano (416) e o que menos comunica o meio rural (130).

Interage-se mais durante a semana ou fim-de-semana? A3 (filho, 20 anos de idade, estudante, residente na freguesia do Lavradio) comunicou mais ao fim-de-semana (36) e D2 (mãe, 67 anos

de idade, reformada/outros inativos, residente na freguesia da Redinha) comunicou menos durante a semana (1); B (família de quatro elementos, residente na freguesia de Ponte) comunicou mais durante a semana (90) e C (família de três elementos, residente na freguesia de Rocas do Vouga) (14) e D (família de quatro elementos, residente na freguesia da Redinha) (20) comunicaram menos durante a semana; o meio urbano comunicou mais durante a semana (151) e o meio rural comunicou menos durante a semana (34).

Qual o tipo de interação mais frequente? Face-a-face (343), sendo as restantes (203) interações tecnologicamente mediadas.

Qual o destinatário, natureza, meio e forma de comunicação mais utilizados? E menos?

No que diz respeito aos destinatários, A3 (filho, 20 anos de idade, estudante, residente na freguesia do Lavradio) interagiu mais com amigos(as) (65) e não interagiu com outros familiares. No caso de D2 (mãe, 67 anos de idade, reformada/outros inativos, residente na freguesia da Redinha), este indivíduo interagiu mais vezes com membros do agregado familiar (4) não tendo interagido com outros indivíduos.

A3 (filho, 20 anos de idade, estudante, residente na freguesia do Lavradio) comunica com o intuito de socializar (69). D2 (mãe, 67 anos de idade, reformada/outros inativos, residente na freguesia da Redinha) interage por rotina (5), não tendo interagido, no período estudado, com contatos ocasionais.

Em relação ao meio mais utilizado, A3 (filho, 20 anos de idade, estudante, residente na freguesia do Lavradio) realiza maioritariamente interações face-a-face (52), no entanto, no caso das interações tecnologicamente mediadas, A3 utiliza mais o telemóvel/*smartphone* (26) e não utiliza o telefone fixo. Por sua vez, D2 (mãe, 67 anos de idade, reformada/outros inativos, residente na freguesia da Redinha) apenas comunica presencialmente (9).

Por fim, A3 interage mais através de mensagens (19).

No que concerne às famílias, B (família de quatro elementos, residente na freguesia de Ponte) comunicou mais com membros do agregado familiar (148) e menos com outros familiares (7). Nos casos C (família de três elementos, residente na freguesia de Rocas do Vouga) e D (família de quatro elementos, residente na freguesia da Redinha), a primeira comunica mais com outros familiares (27) e menos, tanto com amigos(as) (2) como com colegas de trabalho (2). Já a segunda comunica mais com amigos(as) (21) e não comunica com colegas de trabalho.

Quanto à natureza das interações, B (família de quatro elementos, residente na freguesia de Ponte) comunica mais com o intuito de socializar (112). Observando as famílias C (família de três elementos, residente na freguesia de Rocas do Vouga) e D (família de quatro elementos, residente na freguesia da Redinha), observa-se que ambas comunicam mais de forma rotineira (68 e 61). D registou o menor número de interações com cariz de urgência (2).

No que diz respeito ao meio mais utilizado, B comunica mais presencialmente (148). No entanto, no que ao tipo de interação tecnologicamente mediada diz respeito, esta família comunica mais através do computador (53) e menos através do telefone fixo (2). Por sua vez, C comunica mais presencialmente (52) e, no que aos tipos de meios tecnologicamente mediados diz respeito, mais através do telemóvel/*smartphone* (12) e menos através do computador. Por seu lado, a família D, comunica mais presencialmente (38) e, no que aos meios mediados tecnologicamente concerne, comunica sobretudo através do computador (17) e menos por telemóvel/*smartphone* (3).

Observem-se, por fim, de que forma interagiram estas famílias. B interagiu mais através das redes sociais (39) e menos, tanto por chamada (1) e mensagem (1) – referência ao telefone fixo. C interagiu mais através da forma “chamadas” (9) não tendo, no período estudado interagido através do computador. No caso de D, esta família interagiu mais através do “*email*”(8), não tendo registado qualquer interação através de aplicações ou programas de *instant messaging*.

Em relação ao meio geográfico, os membros dos agregados familiares de meio urbano (famílias A e B, com sete indivíduos) comunicam mais com membros do agregado familiar (202) e menos com “outros familiares” (12). Quanto aos membros dos agregados familiares de meio rural (famílias C e D, com sete indivíduos), estes comunicam mais com “outros familiares” (46) e menos com “colegas de trabalho” (2).

Observando, agora, as naturezas das interações, os membros dos agregados familiares de meio urbano (famílias A e B, com sete indivíduos) interagiram mais vezes para socializar (192) e menos em contatos ocasionais (2). Já os membros dos agregados familiares de meio rural (famílias C e D, com sete indivíduos) interagiram mais vezes de forma rotineira (94) e menos em contatos estabelecidos com cariz de urgência (2).

No que diz respeito ao tipo de meio, os membros dos agregados familiares de meio urbano comunicam mais presencialmente (253), registando, no entanto, um número igualmente considerável de interações via telemóvel/*smartphone* (81), apresentando o valor mais baixo no telefone fixo (8). Quanto aos membros dos agregados familiares de meio rural, comunicam mais

presencialmente (90) e se considerarmos as interações tecnologicamente mediadas, constatamos que as famílias de ambiente rural interagem mais via computador (17).

Observem-se, agora, a forma como interagiram as famílias de acordo com o meio (rural/urbano) em que residem. As de meio urbano (famílias A e B, com sete indivíduos) interagiram mais através das redes sociais (49) e menos por mensagens (1) enviadas pelo telefone fixo. Já no caso do meio rural (famílias C e D, com sete indivíduos), interagiu-se mais através de chamadas (10) via telemóvel/*smartphone* e menos através de mensagens (1) e aplicações ou programas de *instant messaging* (1).

Quem comunica mais presencialmente, comunica menos tecnologicamente? Constata-se que todos os elementos, nos dias considerados no estudo, interagiram mais presencialmente do que através de mediação tecnológica.

Existem as mesmas condições tecnológicas (ou semelhantes) em todos os lares? Ao recordar os dados da Tabela 2 verifica-se que todos os lares possuem telefone fixo, telemóvel/*smartphone*, e, pelo menos, um computador e uma forma de acesso à *Internet*. Assim se conclui que todos os indivíduos teriam as mesmas oportunidades de comunicar, não existindo, neste caso, qualquer tipo de clivagem. De salientar, ainda, que apenas um elemento de uma das famílias (A3) possui *tablet* mas, durante o período de análise, não foi registada qualquer interação através deste meio tecnológico.

As formas de comunicar são semelhantes ou distintas? Apesar das flutuações entre os tipos de interação, constata-se que as formas de comunicar, entre indivíduos e, por sua vez, os grupos em que estão inseridos – família e meios geográficos – são semelhantes, isto é, todos os elementos comunicam mais face-a-face e menos de forma tecnologicamente mediada; o destinatário mais comum são membros do agregado familiar (240) e o menos comum é outro destinatário(37); a natureza mais comum foram as interações de rotina (234) e a menos comum interações de urgência (6); o meio mais utilizado, ignorando as interações face-a-face, foi o telemóvel/*smartphone* (96) e o menos utilizado o telefone fixo (20); a forma mais comum de contato foi através das redes sociais (57) e a menos comum através de programas de *instant messaging* (14).

Apesar da semelhança nas formas de comunicar, no conjunto das quatro famílias verifica-se que no meio rural se interagiu menos do que no meio urbano.

A escolha/indicação dos meios de comunicação que os indivíduos utilizam, com maior frequência, influencia a forma como se distribuem os tipos de interação? Tendo por base as respostas à questão 15¹⁹, presentes na Tabela 2, recorde-se que o meio mais utilizado é o telemóvel/*smartphone* (10), seguindo-se-lhe o computador (8) e, por fim, a *Internet* (7).

Ao observarmos a Tabela 11, constata-se que a soma das interações que foram realizadas através do telemóvel/*smartphone* (chamadas, mensagens, *emails*, contatos através as redes sociais e programas de *instant messaging*) é de 96 e as por computador (chamadas, mensagens, *emails*, contatos através as redes sociais e programas de *instant messaging*) são de 87.

Conclui-se que as respostas à questão 15 influenciam a forma como os indivíduos interagiram durante o período de análise, ou seja, a ordem que os inquiridos apresentaram (telemóvel/*smartphone*, computador e *Internet*) verifica-se na forma como estes interagiram, evidenciando uma relação direta.

¹⁹ Vide in Anexo 2.

CONCLUSÕES

1. Conclusões do estudo

A presente investigação começou com a definição da pergunta de investigação (*a dimensão geográfica (rural/urbano) introduz diferenças a nível dos padrões de comunicação no seio das famílias?*) e dos objetivos do estudo (analisar eventuais diferenças entre meio rural e meio urbano, no que aos processos de comunicação mediados e não mediados tecnologicamente diz respeito; compreender como a mediação tecnológica altera os padrões de comunicação no seio das famílias; perspectivar tendências futuras ao nível da comunicação mediada tecnologicamente no seio das famílias).

Após a realização do enquadramento teórico do trabalho procedeu-se à construção dos instrumentos de recolha de dados (grelhas de registo das interações em contexto familiar) e respetiva aplicação. A análise dos dados, registados pelos membros dos agregados familiares participantes, permitiu revelar a existência de padrões de comunicação. Recorde-se, para este efeito, a definição proposta: padrões de comunicação são o conjunto de ações que se repetem, durante múltiplos processos de comunicação dos sujeitos, mediados ou não mediados tecnologicamente, que visam a transmissão ou receção de uma mensagem.

Seguidamente fornece-se uma resposta à questão de investigação e constata-se se o estudo efetuado permitiu alcançar os objetivos estabelecidos, na fase inicial do trabalho de investigação.

No que diz respeito à pergunta de investigação, tendo por base os dados não generalizáveis obtidos nos quatro estudos de caso, verifica-se que a dimensão geográfica introduziu algumas diferenças, nomeadamente na quantidade de interações realizadas, pelos indivíduos. Apesar disto, a tendência de comunicar mais presencialmente, em detrimento das outras formas de comunicação mediadas tecnologicamente, aparenta existir, em ambos os meios.

Relativamente aos objetivos, constata-se que foram identificadas algumas diferenças e semelhanças entre meio rural e meio urbano, no que aos processos de comunicação mediados e não mediados tecnologicamente diz respeito: no meio urbano comunica-se mais do que no meio rural, independentemente da forma utilizada; em ambos os meios comunica-se mais presencialmente do que à distância (através dos meios tecnológicos)

No que concerne ao segundo objetivo (compreender como a mediação tecnológica altera os padrões de comunicação no seio das famílias) foi através da contextualização teórica que se

verificou quais as influências das tecnologias nas famílias em geral. Ao observarem-se os dados obtidos, compreende-se que, no meio urbano, a tecnologia e predisposição para comunicar através desta, aparenta ser maior do que no meio rural. Por outro lado, sabe-se que a tecnologia poderá gerar alguma dependência nas pessoas, se não for utilizada com moderação, correndo-se o risco de os indivíduos ficarem aprisionados à sensação de falsa proximidade.

No caso do último objetivo (perspectivar tendências ao nível da comunicação mediada tecnologicamente no seio das famílias) e com base no estudo realizado, considera-se que o contato presencial continuará a ser predominante, podendo registar-se contudo um aumento na utilização de equipamentos com acesso à *Internet* para comunicar, principalmente através das redes sociais e programas de *chat* e *instant messaging*. As tendências ao nível dos novos produtos, propostos pela indústria de dispositivos tecnológicos (*tablets* e *smartphones*), bem como as vendas destes equipamentos em Portugal parecem corroborar esta ideia²⁰.

2. Limitações do trabalho

No que diz respeito a limitações do trabalho, importa referir que, devido à natureza exploratória da investigação, o número de famílias analisadas e o número de dias de análise, pela sua reduzida expressão, constituem uma forte limitação deste estudo. Neste contexto salienta-se, mais uma vez, que o conjunto de quatro estudos de caso possui validade apenas para o cenário considerado, não sendo possível extrapolar qualquer tendência para o cenário nacional.

3. Continuidade do trabalho de investigação

Numa perspetiva de trabalho futuro poderia levar-se a cabo uma investigação de maior vulto, inserida por exemplo num projeto de investigação financiado, que contemplasse um estudo de um maior número de famílias, em meio rural e urbano, e que registasse as suas interações durante um maior período de tempo. Note-se que, para uma melhor execução da abordagem proposta, a equipa de investigação deveria ser multidisciplinar, ou seja, integrar elementos de múltiplas áreas científicas, nomeadamente sociologia, geografia, psicologia e ciências e tecnologias da comunicação.

²⁰ De acordo com o Relatório Trimestral dos Serviços Moveis, divulgado pela ANACOM, “a penetração de *smartphones* continua a aumentar, tendo atingido 38,3 por cento em junho de 2013” ANACOM, 2013c)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akoun, A. (1982). *Dicionário de Sociologia*. Lisboa, Portugal: Verbo.

ANACOM. (2013). Informação estatística do serviço telefónico fixo, 1.º Trimestre de 2013. [Em linha] <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1162197> (consultado a 23 de julho de 2013)

ANACOM. (2013a). Serviços Móveis - Informação estatística, 1.º Trimestre de 2013. [Em linha] <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1162118> (consultado a 23 de julho de 2013)

ANACOM. (2013b) Informação estatística do serviço de acesso à internet, 1.º Trimestre de 2013. [Em linha] <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1162197> (consultado a 23 de julho de 2013)

ANACOM. (2013c) Serviços Móveis - Informação estatística, 2.º Trimestre de 2013. [Em linha] http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1171742#fnt_4 (consultado a 28 de outubro de 2013)

Ascher, F. (1998). *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. Oeiras, Portugal: Celta Editora.

Boudon, R., Besnard, P., Cherkaoui, M., Lécuyer, B.P. (1990). *Dicionário de Sociologia*. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, Lda.

Castells, M. (2011). Space of Flows, Space of Places: Materials for a Theory of Urbanism in the Information Age. In R.T. LeGates & F. Stout (Ed.), *The City Reader*. New York, USA: Routledge.

Chesley, N. (2006). Families in a High-Tech Age Technology Usage Patterns, Work and Family Correlates, and Gender. *Journal of Family Issues*, Vol. 27, No 5, 587-608.

Chua, V., Madej, J. and Wellman, B. (2010). *Personal communities: the world according to me*, in: Carrington, P.J. and Scott, J. (Eds) *The Sage Handbook of Social Network Analysis*.

Davies, P. (2006). Exploratory Research. In Jupp, V. (Ed.) *The SAGE Dictionary of Social Research Methods*. London, United Kingdom: Sage Publications Ltd.

Dicionário de sociologia (2002). Rui Leandro Maia (Coord.) Porto:Porto Editora.

Donne, M.D. (1983). *Teorias sobre a cidade*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Graham, S. (1998). The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. *Progress in Human Geography*, Vol 22, No 2, 165-185.

Figueiredo, E., Ferrão, P. (2007) O Conhecimento Não Cresce nas Árvores: os desafios da sociedade do conhecimento e o mundo rural em Portugal. *Draft cedido pelos autores*.

Hall, P. (1996). *Cities of Tomorrow*. Oxford, England: Blackwell Publishers Ltd.

Haythornthwaite, C., Wellman, B. (2002) *The Internet in Everyday Life*. Oxford: Blackwell Publishers.

Hegeland, A. (2005). Objectivity and Subjectivity in the Ethnographic Method. *Qualitative Health Research*, Vol. 15, No. 5, 647-668.

Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2011). Censos - Quadros de apuramento. [Em linha] http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros (consultado a 4 de Abril de 2013).

Instituto Nacional de Estatística, I.P. (s.d) [em linha] <http://www.ine.pt/xportal/ine/portal/portlets/html/conteudos/listaContentPage.jsp?BOUI=6251013&lang=PT> (consultado a 21 de novembro de 2013).

Instituto Nacional de Estatística, I.P. Sistema de Metainformação (s.d) [em linha] <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5717> (consultado a 21 de novembro de 2013).

Instituto Nacional de Estatística, I.P. Sistema de Metainformação (s.d) [em linha] <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5716> (consultado a 21 de novembro de 2013).

Instituto Nacional de Estatística, I.P. Sistema de Metainformação (s.d) [em linha] <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/6170> (consultado a 21 de novembro de 2013).

Kennedy, T.L.M., Smiths, A., Wells, A.T., and Wellman, B. (2008). *Networked families Parents and spouses are using the internet and cell phones to create a “new connectedness” that builds on remote connections and shared internet experiences*. Pew Internet & American Life Project Washington D.C, USA.

Kothari, C.R. (2009). *Research Methodology: Methods and Techniques*. New Delhi, India: New Age International (P) Ltd., Publishers.

Marques, T.S. (2003). Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais. *Revista da Faculdade De Letras - Geografia I série, vol. XIX, 507-521*.

Microsoft and AARP Research & Strategic Analysis. (2012). Connecting Generations. [Em linha] http://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/Connecting%20Generations_0.pdf (consultado a 3 de outubro de 2013).

Mok D., Wellman B., Carrasco J. (2010). Does distance matter in the age of the Internet? *Urban Studies, Vol 47, No 13, 2747-2783*.

Moreira, A. (2003). *Elaboração de projectos de investigação - texto enquadrador*. [Em linha] <http://www.slideshare.net/lfpedro/guiao-elaboracao-projetos-investigao-moreira-2003> (consultado a 21 de dezembro de 2012).

Mumford, L. (1979). *The City in History*. Harmondsworth, England: Penguin Books.

OBERCOM (2012) *Sociedade em Rede em Portugal 2012 - Internet em Portugal* [Em linha] <http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=sociedadeRede2012.pdf> (consultado a 22 de janeiro de 2013).

O'Keeffe, G.S., Clarke-Pearson, K., and Council on Communications and Media. (2011). The Impact of Social Media on Children, Adolescents, and Families. *Pediatrics, Vol. 127, No 4, 800-804*.

Quan-Haase, A., Wellman, B. (2006). Hyperconnected Net Work: Computer-Mediated Community in a High-Tech Organization. Heckscher, C. and Adler, P (Ed.) *The Firm as a Collaborative Community: Reconstructing Trust in the Knowledge Economy, 281-333*. New York: Oxford University Press.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Trad. Lisboa: Gradiva

Rainie, L., Wellman, B. (2012). The Individual in a Networked World: Two Scenarios. World Future Society (Ed.) *The Futurist, vol 46, No 4, 24-27*. Bethesda, MD, USA.

Rheingold, H. (1996). *A comunidade virtual*. Lisboa, Portugal: Gradiva.

Richey, R.C., Klein, J.D.(2005) Creating Knowledge from Instructional Design and Development Practice. In *Journal of Computing in Higher Education*, Vol.16(2), 23-28.

Rodrigues, A.D. (2007). Processos cognitivos e Estratégias de comunicação. *Revista do Centro de Estudos Judiciários*, Vol 7, 191-214.

Sarmiento, J. (2003). Variações sobre Urbanismo Pós-moderno. *Revista da Faculdade De Letras - Geografia I série*, vol. XIX, 255-265.

Saunders, M., Lewis, P., Thornhill, A. (2009). *Research methods for business students*. Essex, England: Pearson Education Limited.

Segrin, C., Flora, J. (2004). *Family communication*. Mahwah, New Jersey, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Wellman, B. (2004) Connecting Community: On and Offline. *Contexts* Vol. 3, No. 4, 22-28.

Wellman, B., Garofalo, A. and Garofalo, V. (2009). The Internet, Technology and Connectedness. The Vanier Institute of the Family (Ed.) *Transition: Community Vitality*, Vol 39, No 4, 5-7.

Wellman, B., Hogan, B. (2004) The Immanent Internet. In McKay, J. (Ed.) *Netting Citizens: Exploring Citizenship in a Digital Age*. St. Andrews, Scotland: University of St. Andrews Press, 2004.

Wolton, D. (2009). *Pensar a comunicação*. Alges. Portugal: Difel – Difusão Editorial, S.A

ANEXOS

Anexo 1: *Post* colocado no *Facebook*.

Anexo 2: Grelha de análise das famílias.

Anexo 3: Autorização para fornecimento de dados pessoais.

Anexo 4: Grelha de análise das famílias: instruções de preenchimento.

Anexo 1: *Post colocado no Facebook.*

Caríssimos,

Sou aluno do mestrado em Comunicação Multimédia na Universidade de Aveiro e encontro-me a desenvolver a minha dissertação que pretende averiguar se existem diferenças nos padrões de comunicação de famílias portuguesas, de meios geográficos distintos.

Venho solicitar a vossa colaboração, por forma a obter 4 famílias (2 inseridas em meio urbano e 2 inseridas em meio rural), que tenham disponibilidade para constituírem os objetos de estudo, desta dissertação.

Para que isto se verifique é, no entanto, necessário, cumprirem alguns requisitos:

- Residir num meio urbano ou rural;
- Possuir 3 ou 4 elementos no agregado familiar (mãe, pai e 1 ou 2 filhos);
- O(s) filho(s) deverá(ão) já ter atingido a maioridade – 18 anos;
- Devem possuir um ou mais computadores – fixos ou portáteis;
- Devem possuir telemóvel;
- Devem possuir acesso à Internet;

Notem que o **anonimato** dos participantes será **preservado**. Pretendo apenas que durante alguns dias preencham uma grelha, onde registam o número de interações, e o meio através do qual ocorrem, no seio da família.

Agradeço a vossa colaboração. Podem contactar-me através do *email* safv@ua.pt.

Com os melhores cumprimentos,
Saul Vitorino

GRELHA DE ANÁLISE DAS FAMÍLIAS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
(1ª parte – De 18 de fevereiro a 25 de fevereiro)

Caro(a) membro desta família,

Esta grelha de análise, que se divide em duas partes, pretende recolher dados sobre a forma como comunica, de forma particular, no seio da sua família e, de forma mais generalizada, fora da mesma. O presente documento diz respeito à primeira parte, que visa a recolha de dados pessoais. A segunda parte será enviada, posteriormente, em data a designar. As famílias deverão residir em ambientes urbanos ou rurais

De salientar que:

- O anonimato será preservado;
- A grelha deve ser preenchida individualmente, por cada um dos membros da família.

Caso exista alguma dúvida no preenchimento deve contactar-me através do *email* **safv@ua.pt** ou de um dos seguintes números de telemóvel **926260400** ou **912638136**

Antecipadamente grato.

Com os melhores cumprimentos.

Saul Vitorino

I. CARATERIZAÇÃO PESSOAL

1. TIPOLOGIA FAMILIAR

Pai/Padrasto ☐ Mãe/Madrasta ☐ Filho(a) ☐

2. SEXO: Masculino ☐
Feminino ☐

3. IDADE: ____

4. CONCELHO: _____

5. FREGUESIA: _____

6. NÚMERO DE ELEMENTOS NO AGREGADO FAMILIAR: ____

7. NÍVEL DE ESCOLARIDADE:

Até ao 3º Ciclo	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Ensino Superior	<input type="checkbox"/>
Mestrado/Doutoramento	<input type="checkbox"/>

8. SITUAÇÃO PROFISSIONAL:

Estudante	<input type="checkbox"/>
Empregado	<input type="checkbox"/>
Desempregado	<input type="checkbox"/>
Reformado e outros inactivos	<input type="checkbox"/>

Se indicou **estudante**, passe para a pergunta **8.1**.

Se indicou **empregado**, passa para a pergunta **8.2**.

Se indicou uma das **restantes** opções, passa para a **pergunta 9**.

8.1 CURSO QUE FREQUENTA (caso se aplique) _____

8.1.1 ANO DE FREQUÊNCIA: ____ ano

8.2 PROFISSÃO: _____

9. POSSUI FAMÍLIA NO ESTRANGEIRO? Sim ☐ Não ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **9.1**.

Se indicou **Não**, passe para a pergunta **10**.

9.1. COSTUMA COMUNICAR COM ELA REGULARMENTE?

Sim ☐ Não ☐

9.1.1. DE QUE FORMA? (Indique, através de um **X**, apenas a mais frequente)

Chamada, através de telefone fixo	<input type="checkbox"/>
Chamada, através Telemóvel	<input type="checkbox"/>
Videochamada	<input type="checkbox"/>
Email	<input type="checkbox"/>
Instant Messaging	<input type="checkbox"/>

10. A SUA RESIDÊNCIA POSSUI TELEFONE FIXO?: Sim ☐ Não ☐

11. POSSUI TELEMÓVEL/SMARTPHONE? Sim ☐ Não ☐

12. POSSUI COMPUTADOR PRÓPRIO? Sim ☐ Não ☐

13. POSSUI TABLET? Sim ☐ Não ☐

14. POSSUI ACESSO À INTERNET?? Sim ☐ Não ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **14.1**.

Se indicou **Não**, passe para a pergunta **15**.

14.1. Indique o tipo de acesso (pode escolher várias opções)

RDIS/Linha telefónica	<input type="checkbox"/>
ADSL	<input type="checkbox"/>
Fibra óptica	<input type="checkbox"/>
Banda larga móvel	<input type="checkbox"/>
Não sabe	<input type="checkbox"/>

De acordo com os meios que indicou nas questões **10, 11, 12, 13 e 14**, responda, agora, às seguintes questões:

15. INDIQUE OS TRÊS MEIOS QUE UTILIZA, COM MAIOR FREQUÊNCIA (O número 1 corresponde ao mais frequente, o número 2 ao de frequência média e o número 3 ao de menor frequência)

Telefone fixo	<input type="checkbox"/>
Telemóvel/Smartphone	<input type="checkbox"/>
Computador	<input type="checkbox"/>
Tablet	<input type="checkbox"/>
Internet	<input type="checkbox"/>

**16. INDIQUE através de um X OS LOCAIS ONDE ACEDE AO
TELEMÓVEL/SMARTPHONE**

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| Casa | <input type="checkbox"/> |
| Trabalho | <input type="checkbox"/> |
| Casa de familiares/vizinhos/amigos | <input type="checkbox"/> |
| Escola/Universidade | <input type="checkbox"/> |
| Transportes públicos | <input type="checkbox"/> |
| Veículo pessoal | <input type="checkbox"/> |
| Outro(s). Qual(ais)? | <input type="checkbox"/> |

17. INDIQUE através de um X OS LOCAIS ONDE ACEDE AO COMPUTADOR

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| Casa | <input type="checkbox"/> |
| Trabalho | <input type="checkbox"/> |
| Casa de familiares/vizinhos/amigos | <input type="checkbox"/> |
| Escola/Universidade | <input type="checkbox"/> |
| Transportes públicos | <input type="checkbox"/> |
| Veículo pessoal | <input type="checkbox"/> |
| Outro(s). Qual(ais)? | <input type="checkbox"/> |

18. INDIQUE através de um X OS LOCAIS ONDE ACEDE AO TABLET

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| Casa | <input type="checkbox"/> |
| Trabalho | <input type="checkbox"/> |
| Casa de familiares/vizinhos/amigos | <input type="checkbox"/> |
| Escola/Universidade | <input type="checkbox"/> |
| Transportes públicos | <input type="checkbox"/> |
| Veículo pessoal | <input type="checkbox"/> |
| Outro(s). Qual(ais)? | <input type="checkbox"/> |

19. INDIQUE através de um X OS LOCAIS ONDE ACEDE À INTERNET

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| Casa | <input type="checkbox"/> |
| Trabalho | <input type="checkbox"/> |
| Casa de familiares/vizinhos/amigos | <input type="checkbox"/> |
| Escola/Universidade | <input type="checkbox"/> |
| Transportes públicos | <input type="checkbox"/> |
| Veículo pessoal | <input type="checkbox"/> |
| Biblioteca(s) | <input type="checkbox"/> |
| Cibercafé(s) | <input type="checkbox"/> |
| Câmara(s) Municipal(ais) | <input type="checkbox"/> |
| CTT | <input type="checkbox"/> |
| Outro(s). Qual(ais)? | _____ |

20. POSSUI PERFIL EM ALGUMA REDE SOCIAL? Sim ☐ Não ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **20.1**.

Se indicou **Não**, passe para a pergunta **21**.

20.1. INDIQUE através de um X QUAIS AS REDES SOCIAIS, EM QUE POSSUI PERFIL

- | | |
|----------------------|--------------------------|
| Facebook | <input type="checkbox"/> |
| Twitter | <input type="checkbox"/> |
| Google+ | <input type="checkbox"/> |
| Hi5 | <input type="checkbox"/> |
| Outra(s). Qual(ais)? | _____ |

21. POSSUI ALGUMA APLICAÇÃO NO SEU TERMINAL – COMPUTADOR, SMARTPHONE OU TABLET – QUE LHE PERMITA COMUNICAR COM OUTROS? Sim ☐ Não ☐ Não sabe ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **21.1**.

Se indicou uma das **restantes**, passe para a pergunta **22**.

21.1. INDIQUE através de um X QUAL(AIS) A(S) APLICAÇÃO(ÕES) QUE POSSUI

- | | |
|----------------------|--------------------------|
| Skype | <input type="checkbox"/> |
| Viber | <input type="checkbox"/> |
| WeChat | <input type="checkbox"/> |
| Whatsapp | <input type="checkbox"/> |
| Outra(s). Qual(ais)? | _____ |

22. UTILIZA PROGRAMAS DE INSTANT MESSAGING – CHATS OU APLICAÇÕES? Sim ☐ Não ☐ Não sabe ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **22.1**.

Se indicou uma das **restantes**, passe para a pergunta **23**.

22.1. INDIQUE através de um X QUAL(AIS) O(S) PROGRAMA(S) QUE POSSUI

Windows Live Messenger (MSN)	<input type="checkbox"/>
MIRC	<input type="checkbox"/>
Chat(s)	<input type="checkbox"/>
Outra(s). Qual(ais)?	_____

23. REALIZA CHAMADAS DE VÍDEO? Sim ☐ Não ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **23.1**.

Se indicou **Não**, passe para a pergunta **24**.

23.1. INDIQUE através de um X COM QUE FREQUÊNCIA REALIZA ESTE TIPO DE CHAMADAS

Diariamente	<input type="checkbox"/>
Semanalmente	<input type="checkbox"/>
Mensalmente	<input type="checkbox"/>
De três em três meses	<input type="checkbox"/>
De seis em seis meses	<input type="checkbox"/>
Anualmente	<input type="checkbox"/>
Menos de uma vez por ano	<input type="checkbox"/>
Outra(s). Qual(ais)?	_____

24. COSTUMA ENVIAR EMAILS? Sim ☐ Não ☐

Se indicou **Sim**, passe para a pergunta **24.1**.

Se indicou **Não**, terminou a primeira parte da grelha de análise.

24.1. INDIQUE através de um X COM QUE FREQUÊNCIA REALIZA ESTE TIPO DE OPERAÇÃO

Diariamente	<input type="checkbox"/>
Semanalmente	<input type="checkbox"/>
Mensalmente	<input type="checkbox"/>
De três em três meses	<input type="checkbox"/>
De seis em seis meses	<input type="checkbox"/>
Anualmente	<input type="checkbox"/>
Menos de uma vez por ano	<input type="checkbox"/>
Outra(s). Qual(ais)?	_____

Anexo 3: Autorização para fornecimento de dados pessoais.

AUTORIZAÇÃO PARA FORNECIMENTO DE DADOS PESSOAIS

Eu _____ ,
encarregado(a) de educação de _____
_____, autorizo o preenchimento da grelha de observação,
referente ao estudo do processo comunicativo de famílias portuguesas, no âmbito da
Dissertação de Mestrado intitulada “*Comunicação presencial versus Comunicação
tecnologicamente mediada: Diferenças nos padrões de comunicação de famílias
portuguesas, de meios geográficos distintos*”.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura

Anexo 4: Grelha de análise das famílias: instruções de preenchimento.

GRELHA DE ANÁLISE DAS FAMÍLIAS: INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO
(2ª parte – De 14 de março a 16 de março)

Caro(a) membro desta família,

O presente documento diz respeito à parte do trabalho referente à recolha de dados sobre a forma como comunica e quais os meios que utiliza para comunicar, durante o período **de 14 de março a 16 de março de 2013 (de quinta-feira a sábado)**.

Apresentam-se seguidamente as instruções de preenchimento (não as separe da grelha).

1. Comece por colocar o código - letra e algarismo - que lhe forem atribuídos, pelo investigador.
2. Cada folha corresponde a um dia (identificado no topo da folha).
3. Cada linha corresponde a uma interação (ex. um telefonema, uma conversa presencial, etc);
4. Cada linha é abrangida por 2 colunas (caso das interações face a face) ou 4 colunas (interações tecnologicamente mediadas).

A tabela que se segue indicada a que corresponde cada componente da grelha e como esta deve ser preenchida:

Natureza da informação solicitada	Possibilidades de resposta <i>(Deve colocar na grelha apenas o número que corresponde à opção que se adequa)</i>
Tipo Refere-se ao meio com que estabeleceu o contacto	1 - Telefone fixo 2 - Telemóvel/ <i>Smartphone</i> 3 – <i>Tablet</i> 4 – Computador
Forma Refere-se à forma através do qual estabeleceu contacto	1 – Chamada 2 – Video-chamada 3 - Mensagem 4 – <i>Email</i> 5 - Rede Social, através de <i>chat</i> /comentário 6 – Aplicação/ <i>Instant Messaging</i> , através de <i>chat</i>
Destinatário: corresponde a quem se dirigiu na interação	1 – Membro do agregado familiar 2 – Outro familiar 3 – Amigo(a) 4 – Colega de trabalho 5 – Outro

Natureza: corresponde ao motivo pelo qual contactou aquela pessoa	1 – Interação de rotina
	2 – Socializar
	3 – Contacto ocasional
	4 – Esclarecimento/pedido de ajuda
	5 – Urgência
	6 – Outro
NOTA: Se forem necessárias linhas adicionais, para representar as interações que teve nesse dia, basta que preencha as que se encontram disponíveis, no ficheiro enviado, via email.	

5. Cada interação deve ser assinalada, por cada elemento, já que o preenchimento da grelha é individual (p.ex. se o pai fala com os dois filhos, todos devem registar essa interação).

6. A grelha deve ser preenchida individualmente, por cada um dos membros da família.

NOTE QUE: No processo de tratamento de dados **o anonimato será preservado.**

Caso exista alguma dúvida no preenchimento deve contactar-me através do *email* **safv@ua.pt** ou de um dos seguintes números de telemóvel **926260400** ou **912638136**.

Antecipadamente grato.

Com os melhores cumprimentos,

Saul Vitorino

DIA 1: 14 de março de 2013

Código:

[illegible]

DIA 2: 15 de março de 2013

Código:[illegible]

DIA 3: 16 de março de 2013

Código:[illegible]

